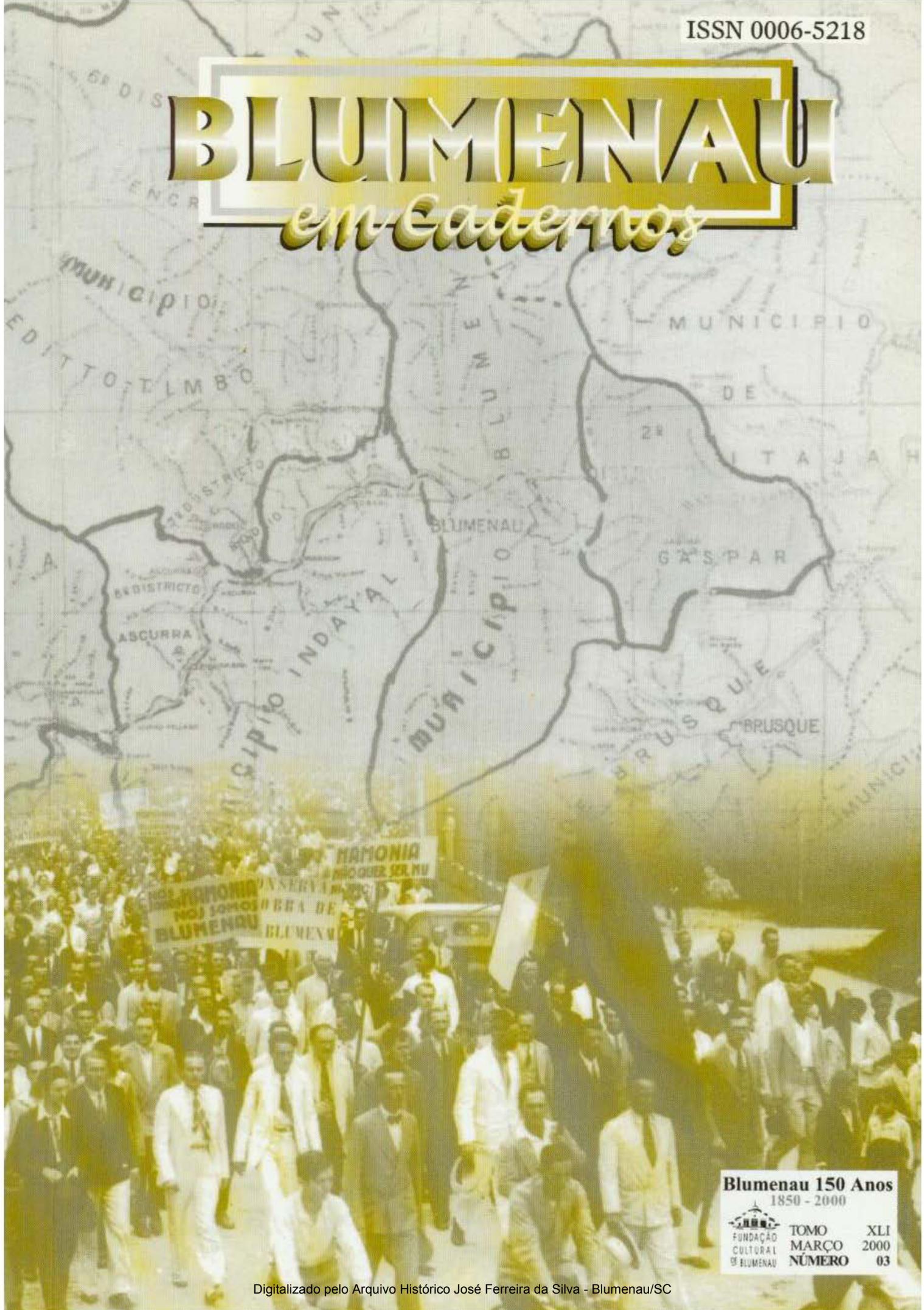


ISSN 0006-5218

BLUMENAU

-em Cadernos-



Blumenau 150 Anos

1850 - 2000



TOMO
MARÇO
NÚMERO

XLI
2000
03



BLUMENAU
em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”
ENDERECO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC
Fone/fax: (047) 326-6990
E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”
Mapa dos distritos desmembrados de Blumenau;
Rua 15 de Novembro durante o
“Movimento por Blumenau Unido” - 1934

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Os resultados da Catequese dos Índios em Santa Catarina	07
Heinrich Graf: reconstituição de uma vida através da arte <i>Doris E. Bartorelli</i>	20
Ácido Acetil Salicílico <i>Siegfried Carlos Wable</i>	26
Lei normatiza mudança de nomes nas ruas de Blumenau	28
Lista de moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 3) <i>Dr. Hermann Blumenau</i>	30
Honorato Tomelin <i>Gianna Maria Bernhardt Buatin</i>	45
O Currículo da “Escola Alemã” de Rio da Luz Victória <i>Rosane Welk</i>	49
“Uma Noite em Curitiba” / Página Literária <i>Enéas Athanázio</i>	56

Documentos Originais - Artigos

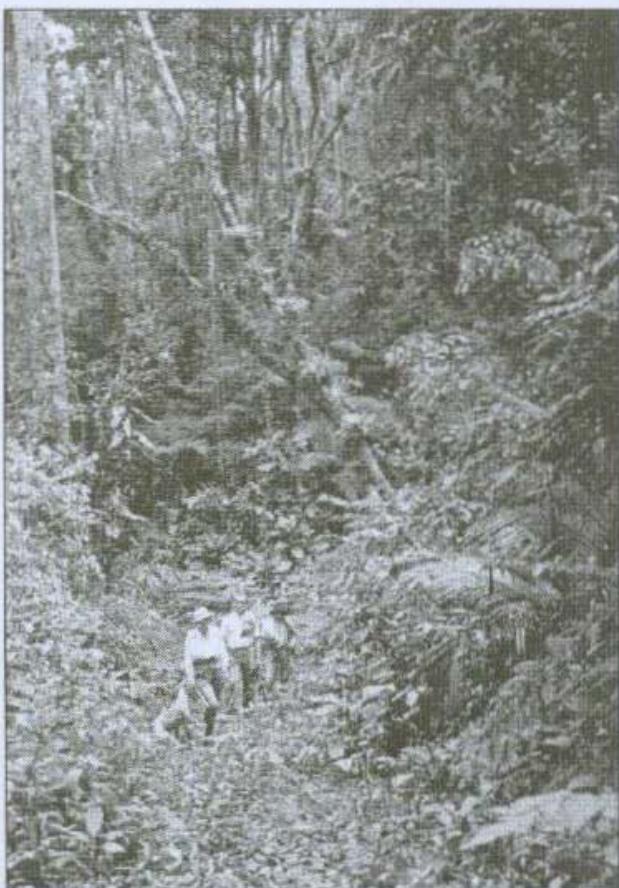
Os Resultados da Catequese dos Índios em Santa Catarina



No momento em que vivemos a passagem dos 500 anos do Brasil, nada mais oportuno do que publicar um texto que venha facultar aos estudiosos e leitores os mais diversos olhares sobre um período significativo da nossa história regional, que diz respeito ao aldeamento dos nativos da região e os conseqüentes conflitos gerados entre “catequizadores”, colonos e indígenas.

O texto foi publicado originalmente em língua alemã e impresso no Jornal “Der Urwaldsbote”, na edição de 9 de novembro de 1913.

No mesmo ano, as oficinas do Jornal “Der Urwaldsbote” editaram um opúsculo em língua portuguesa e através do discurso do autor pode-se aferir diferentes situações que o conduziram a denunciar os vários saques e mortes feitos pelos nativos, bem como as inquietações que perseguiam os colonos.



Trilha para entrada na mata

Die Erfolge der Katechese

Genau drei Jahre haben wir jetzt Gelegenheit gehabt, die Wirkungen der Indianerkatechese im Staate Santa Catharina zu beobachten. Wir haben gesehen, daß während dieser Zeit viel Geld ausgegeben und nichts erreicht worden ist. Kein einziger Indianer hat sich zähmen und für die Zivilization gewinnen lassen. Ja, man hat den Eindruck, als ob die Katecheten ihren Schützlingen sorgfältig aus dem Wege gehen und jede Gelegenheit zu einem Zusammentreffen mit ihnen meiden. Die paar Pikaden, die von den Bugerzähmern aufgeschlagen wurden, kosten ein unvernünftiges Geld, und die Expedition, die Herr Abbot in Begleitung des Dr. Aldinger nach dem Tayó-Berge unternahm, war ohne jeden praktischen und wissenschaftlichen Wert, trotz der weitschweifigen Berichte, die darüber in portugiesischer und deutscher Sprache veröffentlicht worden sind.

Positive Erfolge hat die Katechese also nicht aufzuweisen, desto größer sind ihre negativen Erfolge. Diese bestehen darin, daß die Ueberfälle der Wilden gegen früher sich vermehrt haben und daß die Indianer im Bewußtsein ihrer Straflosigkeit immer dreister geworden sind. Die Geschenke, die sie im Ueberfluß erhielten, haben ihren Sinn nicht milder gestimmt, sie haben im Gegenteil als Anreiz zu immer neuen Verbrechen gedient. Wenn den Indianern nach jedem Mord, nach jedem Raub Geschenke hingelegt werden, so ist es klar, daß sie darin eine Aufforderung sehen, in ihrer verbrecherischen Tätigkeit, die so belohnt wird, fortzufahren.

Die Behauptung des Indianerschutzamts, daß in gleicher Weise Indianer und Ansiedler geschützt werden, wird durch die Tatsachen widerlegt. In Wirklichkeit sind die Ansiedler schutzlos, und es wird ihnen sogar das Recht der Selbstverteidigung verkümmert. Sie dürfen z. B. nicht bewaffnet in den Wald gehen, um die Buger, die ihr Anwesen umlauern, zu vertreiben, denn solches Vorgehen könnte die Herren der Wälder „provozieren“. Zu den Ueberfällen auf die Kolonisten sind in letzter Zeit die Störungen der Arbeiten der Studienkomission gekommen, und es ist vorauszusehen, daß der Weiterbau der Bahn an der Serra auf ernste Schwierigkeiten stoßen wird, wenn die Regierung sich nicht zu energischen Abwehrmaßregeln entschließt, die das ganze Programm der Katechese umstoßen.

Das Fiasko der Katechese ist unverkennbar, und die Empörung der Bevölkerung über die Katecheten wird immer größer. Mit Ausnahme weniger Individuen, die von dem Indianerschutz Vorteil haben oder geistig nicht

Os resultados da Catequese dos índios em Santa Catarina

Há exatamente três anos, se nos oferece o ensejo de observarmos os efeitos da catequese dos índios em Santa Catarina. Vimos que durante este tempo gastou-se inutilmente muito dinheiro. Nem um só índio deixou-se domesticar e converter à civilização. Pelo contrário, parece que os catequistas cuidadosamente davam passagem aos seus protegidos e evitavam toda e qualquer ocasião de encontrar-se com eles. As poucas picadas abertas pelos pacificadores dos índios consumiram quantias fabulosas, sendo que carece de qualquer valor prático ou científico a expedição dos srs. Abbot e Dr. Aldinger para o Morro Taió, apesar do relatório prolixo publicado em alemão e português.

Portanto, a catequese não consegue exibir resultados positivos, e os resultados negativos são ainda maiores. Neste particular, os assaltos dos selvagens se tornaram mais freqüentes em comparação com os tempos passados e, os índios cientes de sua imunidade, estão dia a dia mais insolentes. Os presentes que receberam em abundância, não aplacaram seu furor, mas sim os incitaram a cometer sempre novos crimes. Se os índios recebem presentes, por cada homicídio, por cada roubo, é claro que vêm nisso um convite para continuarem sua atividade criminosa, assim recompensada.

A alegação dos diretores do Serviço de Proteção aos Índios, de que os silvícolas e os lavradores são igualmente protegidos, fica contestada pelos fatos. Na verdade os colonos estão desamparados, pois nem sequer têm o direito de se defender. Por exemplo, não têm licença para entrar armados no mato a fim de repelir os índios que cercam a sua propriedade, pois, tal procedimento poderia *provocar* os senhores da floresta. Aos assaltos contra os lavradores, acresce, ultimamente, a interrupção do serviço da comissão dos estudos e pode-se prever que o prolongamento da linha férrea pela serra enfrente sérias dificuldades, caso o governo não resolva tomar providências enérgicas, que derrubem o programa da catequese.

O fiasco da catequese é inegável e, a indignação do povo contra os catequistas é cada vez maior. Com exceção de poucos indivíduos, que tiram proveito da Proteção aos Índios ou apresentam sintomas de anormalidade mental, toda Blumenau está convencida de que a catequese por um lado é inútil e, por outro, é nociva.

normal sind, ist ganz Blumenau darin einig, daß die Katechese einerseits nutzlos ist und andererseits schädlich wirkt.

Die Katecheten behaupten hartnäckig, daß die Indianer, von denen die Ueberfälle ausgehen, wilde Botokuden sind. Alle Beweise aber sprechen dafür, daß es halbzahme Coroaden aus Parana sind, die nach Santa Catharina herüberstreifen, weil sie genau wissen, daß sie hier ungehindert Beute machen und ungestraft ihrer Mordlust fröhnen können. In dem Polizeiverhör, das am 2. September 1912 auf Veranlassung des Superintendenten von Blumenau in Pouso Redondo abgehalten wurde, haben alle Zeugen – darunter solche, die mit den Gewohnheiten der Indianer wohl vertraut sind – einstimmig ausgesagt, daß die Viehschlächter, die dort vier Monate lang hausten, Coroaden waren. Der Indianerinspektor Abbot hat das bestritten, obgleich er keinen der Indianer zu Gesicht bekommen und sich geweigert hatte, den Leuten zu folgen, die ihn nach ihrem Lager führen wollten. Auch später ist fast bei allen Ueberfällen vermerkt worden, daß die Indianer portugiesisch sprachen. Die Katecheten verschleiern also den Sachverhalt und hindern dadurch die Regierung, die ihre Berichte für bare Münze nimmt, die einzige richtigen Maßregeln zu treffen, d. h. eine strenge Ueberwachung der Indianerdörfer in Parana durchzuführen. Dieses Verfahren würde erheblich weniger kosten und die ganze Katechese in Santa Catharina überflüssig machen. Damit würden natürlich auch die Beamten des Indianerschutzdienstes ihre gut bezahlten Stellen verlieren. *Hinc illae lacrimae!*

Eine vollständige Aufzählung der Ueberfälle, die nach dem Inkrafttreten des Indianerschutzdienstes von den Bugern im Norden Santa Catharinias ausgeführt worden sind, wird der beste Gradmesser für den Erfolg oder vielmehr Mißerfolg der Katechese sein.

1910

Das Vorspiel zur Katechese war ein plumper Schwindel, der zuerst vom Urwaldsboten durchschaut wurde, dem man deshalb sogar einen Prozeß anhängen wollte. Am 11. November 1910 trat am Freiheitsbach ein Trupp Indianer heraus, die sich als Botokuden ausgaben und von den Coroaden verfolgt zu werden behaupteten. Hier sollte nun der erste praktische Versuch mit der Katechese gemacht werden. Am 18. November traf als Beauftragter des Indianerschutzamts der Leutnant Vieira da Rosa in Blumenau

Os catequistas alegam, com obstinação, serem os índios Botocudos selvagens que provocam os assaltos. Mas todos os indícios indicam que são Coroados mais ou menos civilizados, que vagueiam do Paraná para Santa Catarina, pois, sabem muito bem que aqui ninguém os impede de roubar e, ficam impunes quando saciam seus desejos de matar. No inquérito policial, em 2 de setembro de 1912, que procedeu-se em Pouso Redondo, por ordem do superintendente de Blumenau, todas as testemunhas – dentre elas algumas bem familiarizadas com os costumes dos índios – depuseram unânimes terem sido Coroados os matadores do gado, que lá atuaram por quatro meses. O inspetor dos índios Abbot contestou este depoimento, embora este não tenha visto nenhum índio e tenha-se negado a acompanhar aqueles que queriam conduzi-lo ao acampamento dos mesmos. Mais tarde também reparou-se, em quase todos os assaltos, que os índios falavam português. Os catequistas, portanto, procuram dissimular os fatos, impedindo o governo, que acredita na veracidade de seus relatórios, de tomar as providências corretas, isto é, pôr em prática rigorosa fiscalização dos aldeamentos dos índios no estado do Paraná. Tal procedimento custaria menos e tornaria desnecessária qualquer catequese em Santa Catarina. Deste modo, porém, é claro, os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios perderiam os seus empregos bem remunerados. *Hinc illae lacrimae!*

Uma enumeração completa dos assaltos, realizados pelos bugres no norte de Santa Catarina, depois da instalação do Serviço de Proteção aos Índios, será a melhor medida para avaliar os sucessos, ou melhor dizer, os insucessos da catequese.

1910

O prólogo da catequese era uma velhacaria grosseira que primeiramente foi descoberta pelo Urwaldsbote. Em 11 de novembro de 1910, no ribeirão Liberdade, apareceu uma horda de índios, passando-se por Botocudos, afirmando serem perseguidos pelos Coroados. E ali era para fazer-se a primeira tentativa prática da catequese. Em 18 de novembro, o representante do Serviço de Proteção aos Índios, tenente Vieira da Rosa, chegou a Blumenau, para coordenar os trabalhos. Mas em breve veio à tona que os chamados Botocudos eram Guaranis domesticados do Paraná e, que o antigo bugreiro José Rodrigues, à espera de uma boa remuneração, tinha persuadido-os

ein, um die Sache in die Hand zu nehmen. Es stellte sich aber bald heraus, daß die angeblichen Botokuden zahme Guaranis aus Parana waren, die der ehemalige Bugerjäger José Rodrigues in der Hoffnung auf eine gute Belohnung überredet hatte, sich hier als zivilisationsbedürftige Botokuden vorzustellen. Nachdem der Schwindel entlarvt war, wurden die roten Komödianten auf Bundeskosten wieder nach Parana zurückbefördert, und alle Welt lachte über den Hereinfall der Katechese.

Das war der verheißungsvolle Anfang! Nun folgte Schlag auf Schlag die weitere Entwicklung, die aber ein weniger harmloses Aussehen hatte.

Am 14. Dezember wurde der Kolonist Pletz in der Hansa beim Waldschlagen ermordet, und am selben Tage plünderten die Buger das Haus des Kolonisten Düsterhöft. Leutnant Rosa versuchte, durch Entstellung des Sachverhalts, dieses Verbrechen von seinen Schützlingen abzuwälzen, hatte aber kein Glück damit.

1911

Am 4. Februar überfielen die Buger das Haus des Kolonisten Adam Panoch in Pinheiros während dessen Abwesenheit. Sie töteten die 26 jährige Frau und zwei kleine Kinder und brachten einem dritten Kinde schwere Verletzungen bei. Das Haus wurde vollständig ausgeraubt.

Am 9. April wurde eine Truppe, die mit einer Ladung Maté vom Hochlande nach Santa Maria kam, überfallen. Ein Mann erhielt einen Streifschuß, ein Maultier wurde verwundet.

Am 15. April fand der Ueberfall auf das Lager des Indianerinspektors Leutnant Rosa statt. Die Buger töteten ein Maultier und raubten eine Menge wertvoller Gegenstände. Leutnant Rosa erklärte in seinem Bericht, daß er „zur Ehre der brasiliianischen Zivilisation“ keinen Schuß auf die „geschätzten Landsleute“ habe abgeben lassen.

Am 10. Mai wurde in der Joinvillenser Hansa der Arbeiter Lourenço durch einen Pfeilschuß verwundet. Er starb an den Folgen der erlittenen Verletzung. Das Haus des Kolonisten Pietsch wurde geplündert.

Am 14. Mai brachen die Buger am Garibaldi in einer Tiefe des Jara-guá aus. Sie töteten dem Kolonisten Burger sämtliches Vieh und Geflügel.

Am 9. September wurde der Kolonist Dörlitz in der Hansa bei der Arbeit im Walde überfallen. Er erhielt einen Streifschuß.

a apresentarem-se como Botocudos padecidos de civilização. Depois de descoberta a velhacaria, os comediantes vermelhos foram, a expensas da União, de novo transportados para o Paraná, e todo o mundo riu-se do malogro da catequese.

Era um início promissor. Seguia-se então o desenrolar dos acontecimentos, porém sob aspectos bem menos inocentes.

Em 14 de dezembro, na Hansa, os bugres mataram o lavrador Pletz, enquanto derrubava a mata e saquearam, no mesmo dia, a casa do lavrador Düsterhöft. O tenente Rosa procurou inocentar seus protegidos deste crime, alterando a verdade, porém sem resultado.

1911

Em 4 de fevereiro, os bugres assaltaram em Pinheiros a casa do lavrador Adam Panoch, durante sua ausência. Mataram sua mulher de 26 anos de idade e duas criancinhas, ferindo gravemente uma terceira criança e saqueando por completo a casa.

Em 9 de abril foi assaltada uma tropa que transportava erva-mate para Santa Maria, e um dos tropeiros e uma mula ficaram feridos.

Em 15 de abril ocorreu um assalto ao acampamento do inspetor dos índios tenente Rosa, mataram uma mula e roubaram numerosos objetos de valor. Em seu relatório, o tenente Rosa declarou não ter mandado atirar nos estimáveis patrícios, *em honra da civilização brasileira*.

Em 10 de maio, na Hansa joinvillense, o trabalhador Lourenço foi ferido por uma flechada, morrendo em consequência do ferimento. A casa do lavrador Pietsch também foi saqueada.

Em 14 de maio os bugres apareceram no Garibaldi, em uma das tifas de Jaraguá, onde mataram todos os animais e aves domésticas do lavrador Bürger.

Em 9 de setembro, na Hansa, assaltaram e feriram o lavrador Dörlitz que estava trabalhando na mata.

Em 3 de novembro, os bugres saquearam a casa do colono Schuhmann, no Ribeirão dos Russos.

Am 3. November wurde das Haus des Kolonisten Schuhmann am Russenbach von den Bugern geplündert.

Am selben Tage töteten die Buger in Ipiranga, einer vom Russenbach nur durch eine kleine Wasserscheide getrennten Tiefe, mehrere Stücke Vieh.

Mitte November wurden nach einem Bericht der "Volkszeitung" von S. Bento mehrere Fazendas bei Butiá von den Bugern heimgesucht, die dort eine Menge Vieh töteten und verschiedene Maisschuppen niederbrannten.

1912

Am 4. Januar zeigten sich die Buger am Fuße des Spitzkopfs am Caeté-Bach (3 Stunden vom Stadtplatz entfernt) und bewarfen dort beschäftigte Holzfäller mit Knüppeln und Steinen. Die Belästigungen dauerten mehrere Wochen. Superintendent und Rechtsrichter machten der Regierung Mitteilung davon.

Anfang Mai wurde nach einem Bericht des Blattes "O Catharinense" in S. Bento in der Nähe von Rio Preto den Fazendeiros Claudio Ribas, Machado Pereira und der Familie Souza viel Vieh von den Bugern getötet. Auch wurden zwei Brasilianer durch Pfeilschüsse verwundet.

Am 1. Juni brachen die Buger in Pouso Redondo aus, wo sie sich volle vier Monate aufhielten und fast den ganzen Viehstand der Bewohner vernichteten. Alle Hülferufe an die Regierung verhallten unbeachtet. Der Indianerinspektor Abbot, Nachfolger des Leutnants Rosa, der Ende August hinaufging, warf den Bewohnern die freche Beleidigung ins Gesicht, sie töteten sich aus persönlicher Feindschaft gegenseitig das Vieh, die Indianer seien daran unschuldig. Als man ihn in den Wald führen wollte, um ihm die Indianer zu zeigen, weigerte er sich, mitzugehen. Ein auf Veranlassung des Superintenden von Blumenau am 2. September in Pouso Redondo veranstaltetes Polizeiverhör ergab, daß die Buger in 3 Monaten 28 Pferde, 42 Stücke Rindvieh und Schweine geschlachtet hatten. Im September schlachteten sie dann noch 7 Stücke Rindvieh, 5 Schafe und mehrere Schweine. Auch die Maispflanzungen wurden von ihnen geplündert.

Am 2. Juli griffen die Buger an der Subida bei Nacht das Haus des Norberto Sabel an, der mit seiner Familie flüchten mußte.

Anfang Dezember wurden dem Fazendeiro Francisco Pires und seinen Nachbarn (im Munizip Campos Novos) 70 Stücke Vieh getötet. Auf

No mesmo dia mataram algumas reses em Ipiranga, uma *tifa* separada apenas por um pequeno córrego do Ribeirão dos Russos.

Em meados de novembro, segundo notícia publicada pelo “Volkszeitung”, de S. Bento, alguns fazendeiros, perto de Butiá, foram visitados pelos bugres que lá mataram numerosos animais e incendiaram alguns celeiros com milho.

1912

Em 4 de janeiro, os bugres apareceram nas imediações do Spitzkopf, no Ribeirão Cacté, a 3 horas de distância desta cidade, e atiraram cacetes e pedras nos lenhadores que lá trabalhavam. Os aborrecimentos duraram algumas semanas. O superintendente e o juiz de direito deram parte ao governo.

Nos primeiros dias de maio, conforme relata o jornal “O Catarinense” de S. Bento, os bugres mataram, na circunvizinhança de Rio Preto, numerosos animais pertencentes aos fazendeiros Claudio Ribas, Machado Pereira e a família Souza e, dois brasileiros foram feridos por flechadas.

Em 1º. de junho, os bugres saíram da mata em Pouso Redondo, onde permaneceram durante quatro meses completos, e destruíram quase toda a criação dos moradores, sendo que todo pedido de ajuda ao Governo foi em vão. O inspetor dos índios Abbot, sucessor do tenente Rosa, que em fins de agosto dirigiu-se a Pouso Redondo, lançou na cara dos moradores a injúria insolente de que mataram, por motivos pessoais, os animais uns dos outros, pois os índios eram inocentes. Quando quiseram levá-lo mata adentro, para mostrar-lhe os índios, negou-se a ir com eles. Em um inquérito policial, a 2 de setembro, que ocorreu em Pouso Redondo, constatou-se que os bugres, em 3 meses, mataram 28 cavalos, 48 reses e 45 porcos. Em setembro ainda mataram 7 reses, 5 ovelhas e alguns porcos e, também os milharais foram devastados.

Em 2 de julho, os bugres atacaram de noite a casa de Norberto Sabel, na Subida, obrigando-o a fugir com sua família.

Nos primeiros dias de dezembro mataram 70 animais da propriedade de Francisco Pires e de seus vizinhos, no município de Campos Novos, e 50 animais pertencentes ao fazendeiro Sebastião Alves, residente em Campo Pires, município de Curitibanos.

dem Campo Pires im Munizip Curitibanos schlachteten die Buger dem Fazendeiro Sebastião Alves 50 Stücke Vieh.

1913

Am 18. Februar kam vom Pouso Redondo die Meldung, daß die Indianer wieder auf dem Kriegspfade sind.

Am 26. Februar brachen sie am Westarm aus und verwundeten den Kolonisten Julio Almeida.

Am 4. April vertrieben sie die Turma des Hauptmanns Euclides de Castro am Pombas und raubten das Lager aus.

Am 20. April überfielen sie eine Truppe auf der Serra Pires, verwundeten einen Mann und töteten mehrere Tiere.

Am 27. April wurde wieder eine Truppe überfallen. Am Pinhalsinho fanden um diese Zeit andauernd Viehschlachtungen statt.

Anfang Mai überfielen die Buger am Mosquitinho das Haus des Kolonisten Giacomo Finardi. Ein Wilder versuchte ein Kind zu rauben, ließ es aber fahren, als die Mutter ihm eine Pistole vorhielt.

Am 8. Mai wurde das Haus des Kolonisten Cenz überfallen. Dieser erhielt einen Pfeilschuß in den linken Unterarm und erschoß einen Buger in der Verteidigung.

Am 26. Juni erhielt der Arbeiter Juvencio de Amaral am Ribeirão Areia (Munizip Brusque) einen Pfeilschuß in die Brust. Er starb wenige Tage darauf.

Am 14. Juli wurde Joseph Moser am Mosquito durch einen Pfeilschuß getötet. Herrn Franz Reuter schlachteten die Buger 38 Ochsen.

Mitte Juli wurden die Arbeiter am Wege von Garcia Alto nach Encanho von den Bugern belästigt.

Am 10. August wurde in der Hansa der von der Indianerkommission angestellte Arbeiter Horak getötet. Kurze Zeit darauf steckten die Buger einen Rancho in Brand, in welchem die Katecheten Geschenke aufgestapelt hatten.

Am 8. Oktober wurden am Pouso Redondo Herrn August Peters 11 Pferde und Esel getötet.

1913

Em 18 de fevereiro, comunicaram de Pouso Redondo, que os índios outra vez estavam em pé de guerra.

Em 26 de fevereiro invadiram Rio do Oeste e feriram o lavrador Julio Almeida.

Em 4 de abril, repeliram a turma do capitão Euclides de Castro de Pombas e saquearam o acampamento.

Em 20 de abril, assaltaram uma tropa na serra Pires e, feriram um homem e mataram alguns animais.

Em 27 de abril assaltaram outra tropa. Neste período houve contínuas matanças de gado em Pinhalzinho.

No começo de maio, os bugres assaltaram a casa do colono Giacomo Finardi, em Mosquitinho. Um dos selvagens procurou roubar uma criança, largando-a quando a mãe o ameaçou com a pistola em punho.

Em 8 de maio assaltaram a casa do lavrador Cenz que foi ferido por uma flechada no antebraço esquerdo e, para defender-se, matou um bugre com um tiro.

Em 26 de junho o trabalhador Juvencio de Amaral, no Ribeirão Areia, município de Brusque, recebeu uma flechada no peito e morreu poucos dias depois.

Em 14 de julho, José Moser foi morto por uma flechada em Mosquito e, mataram 38 bois da propriedade do sr. Francisco Reuter.

Em meados de julho, os bugres molestaram os trabalhadores da construção da estrada Garcia Alto – Encano.

Em 10 de agosto mataram, na Hansa, o trabalhador Horak, empregado da comissão dos índios. Pouco depois os bugres incendiaram um rancho, no qual os catequistas haviam guardado os presentes.

Em 8 de outubro mataram, em Pouso Redondo, 11 cavalos e burros pertencentes ao sr. Augusto Peters.

Em 14 de outubro os bugres assaltaram, em Rio do Oeste, a casa do lavrador Felix Leite, incendiando-a e, ferindo um filho do assaltado com uma flechada no pescoço.

Na noite de 21 a 22 de outubro, os bugres empreenderam um assalto ao acampamento do chefe seccional da comissão de estudos da Estrada de Ferro Santa Catarina, Dr. Miranda, mas foram repelidos pelo fogo de espingardas.

Am 14. Oktober überfielen die Buger am Westarm das Haus des Kolonisten Felix Leite und brannten es nieder. Ein Sohn des Ueberfallenen erhielt einen Pfeilschuß in den Hals.

In der Nacht vom 21. auf den 22. Oktober unternahmen die Buger einen Angriff auf das Lager des Sektionchefs Dr. Miranda von der Studienkomission der Santa Catharina- Eisenbahn, wurden aber durch Gewehrfeuer zurückgetrieben.

*

Aus dieser Aufstellung, die einigermaßen auf Vollständigkeit Anspruch erheben kann, geht hervor, daß die Buger grade im letzten Jahre besonders tätig gewesen sind. Die Katechese hat also nicht vermocht, die Indianer für die Zivilisation zu gewinnen und ihre Ueberfälle einzudämmen, sie trägt vielmehr die Schuld an deren Vermehrung. Es wurden im Zeitraum von drei Jahren 8 Personen, darunter eine Frau und zwei Kinder, von den Indianern getötet und 9 Personen verwundet, während auf ihrer Seite nur ein Mann gefallen ist. Etwa 600-700 Stücke Vieh sind geschlachtet worden, zumteil aus reiner Mordlust. 7 Häuser wurden geplündert, einige davon auch in Brand gesteckt. Zweimal haben die Buger sogar das Lager ihrer Beschützer überfallen und geplündert. Den Gesamtschaden kann man auf 100 Contos schätzen. Dazu kommt noch, daß die Ansiedler in den bedrohten Gegenden oft monatelang verhindert waren, in ihren Pflanzungen zu arbeiten, ganz abgesehen von der Angst und Unruhe, die sie beständig ausstehen mußten.

Das ist die Bilanz einer dreijährigen Wirksamkeit der Katechese in S. Catharina! Man wird uns zugeben, daß damit wenig Staat zu machen ist. Das vollständige Fiasko liegt auf der Hand, und die Bundesregierung wird gut tun, einen anderen Weg einzuschlagen, um die Indianer zu zähmen und unschädlich zu machen. Die bisherigen Ergebnisse der Katechese sind nur geeignet, unser Land zu kompromittieren und die Einwanderung abzuschrecken.

*

Desta relação, mais ou menos completa, resulta que os bugres, especialmente durante o último ano, estiveram muito ativos. A catequese, portanto, não estava em condições de civilizar os índios nem de diminuir os assaltos, por cujo aumento ela é a única responsável. No prazo de três anos foram assassinadas 8 pessoas, entre as quais uma mulher e duas crianças, e feridas 9, ao passo que eles apenas perderam um homem. Mataram cerca de 600 – 700 animais, em parte por pura sede de sangue. Saquearam 7 casas, das quais algumas foram incendiadas. Duas vezes até assaltaram e saquearam o acampamento de seus protetores. O prejuízo total pode ser avaliado em 100 Contos. Ainda acresce que os lavradores localizados nas regiões ameaçadas, se viram, às vezes, durante meses impedidos de cultivar as suas roças, não se fazendo menção do medo e da inquietação que tinham de sofrer constantemente.

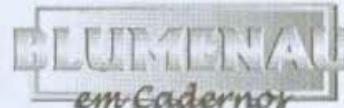
Este é o levantamento dos três anos de atividade da catequese em Santa Catarina. Todos concordarão conosco, que disso ninguém se pode pavonear. Este fiasco é completamente visível e, o governo fará bem em tomar outro rumo para domesticar e civilizar os índios. Esses resultados da catequese servem apenas para comprometer a boa fama do país e diminuir a imigração.

Artigos

Heinrich Graf: reconstituição de uma vida através da arte

TEXTO:

**DORIS E.
BARTORELLI***



Primeiros contatos

Cresci admirando os quadros de Heinrich Graf, pintor nascido na Alemanha em 1859. Minha avó, Lisbeth Zimmermann, deixara de herança aproximadamente 60 obras do artista. O quadro mais antigo é de 1889.

O meu pai contava muito pouco sobre Graf. Eu só sabia que minha avó, nascida em 1881, conhecera o pintor na Alemanha, em 1908, como preceptora de suas duas filhas. Graf era viúvo. Ele veio ao Brasil por volta de 1910, e Lisbeth o alcançou mais tarde, em Santa Catarina. Graf a retratou inúmeras vezes. Após o casamento de Lisbeth, em 1914, não há mais registro de contato entre eles.

Pelos quadros, era possível saber que Graf estivera em Anitápolis, São José, Rio de Janeiro.

Em 1992 decidi pesquisar se em Brusque realmente havia um quadro de Graf num seminário, fato que meu pai contava.

Paulo Vendelino Kons, da Casa de Brusque, confirmou a existência do quadro "A Santa Ceia", de 1917, no Museu Arquidiocesano D.Joaquim, de Azambuja.

Início da pesquisa

Graf não era catalogado, nem no Brasil nem na Alemanha. Só encontrara menção de algumas linhas em "Artistas Pintores do Brasil", de Theodoro Braga, 1942. Era necessário organizar uma biografia.

* Licenciada em História pela Universidade de São Paulo, com especialização em restauração de obras de arte pela Scuola Lorenzo de'Medici em Florença.

Esta pesquisa fez com que entrasse em contato com estudiosos de arte de várias instituições, no Brasil e na Alemanha, e cada um deu contribuições valiosas.

Como havia registro de que em 1908 Graf morava em Zwickau, Alemanha, na Vila Graf, entrei em contato com a prefeitura, mas não encontrei nenhuma referência.

Também contatei museus de Munique, pois há relato oral de que existia lá um quadro de grandes dimensões, denominado "Die Nebelfeen", do qual existe uma foto. Mas também nada encontrei.

Contribuição importante

Em 1989, houve em São Paulo a exposição "Os Pintores Alemães no Brasil do século XIX", organizada por Maria Elisabete dos Santos Peixoto, do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, autora do livro do mesmo nome. Apesar de saber que Graf só chegara ao Brasil por volta de 1910, entrei em contato com a autora para saber se por acaso durante sua pesquisa tinha achado alguma informação sobre Graf.

Ela não conhecia Graf. Mas houve importante avanço, pois o marido dela, o crítico e historiador de arte Carlos Roberto Maciel Levy, havia feito uma grande pesquisa sobre artistas participantes das Exposições Gerais de Belas Artes, da Academia Imperial de Belas Artes, atual Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. E me forneceu informações importantes: que Graf participara das EGBA em 1924, recebendo a Grande Medalha de Prata, com paisagem representando Brusque; que em 1925 participou novamente; que nesta época morava no Rio de Janeiro; que tinha estudado com Ferdinand Pauwels e Leon Pohle (que mais tarde constatei serem professores renomados na Alemanha no século XIX).

Revisão de tese de doutorado

Em 1990, ocorreu um fato inesperado. Folheando uma antiga revista na qual havia um artigo sobre índios de Santa Catarina, foi instigante ver a reprodução de uma foto que representa uma índia com criança no colo,

idêntica a um dos quadros de Graf. O artigo citava colaboração do Professor Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Entrei em contato e soube que ele publicara um livro "Índios e Brancos no Sul do Brasil- a Dramática Experiência Xokleng", em 1973, que fazia parte do estudo de sua tese de doutorado, no qual reproduziu a foto que Graf deve ter usado como inspiração para fazer seu quadro. O Prof. Santos afirmava que se tratava de uma índia xokleng, povo que havia sido contatado em 1914. Acontece que o quadro está nitidamente datado de 1913.

Após troca de muita correspondência e vários anos depois, a revelação: o Professor descobriu que a foto aparecia num cartão postal de 1904 e que a índia era do povo guarani, contatado há muito tempo! O mais simpático foi que o Professor reviu seu erro involuntário publicamente, através de uma exposição explicativa.

Dúvidas e acasos

Ainda faltava descobrir a data de nascimento de Graf.

Já constatara que Leon Pohle, professor de Graf na Alemanha, usava a nascente arte da fotografia como inspiração. Graf também usara uma fotografia como modelo para pelo menos uma de suas obras.

Pesquisando sobre artistas do século XIX, deparei com um fotógrafo alemão chamado Heinrich Graf que participara da guerra entre Alemanha e Dinamarca, em 1864. Fiquei na dúvida se era ele. Hoje sei que era um homônimo, pois recentemente descobri que Graf nasceu em 1859, portanto tinha 5 anos durante esta guerra.

Quanto à obtenção de dados de forma nada ortodoxa, por acaso, foi constatado que uma amiga em Joinville possuía um quadro de Graf não catalogado até então. Representava um bairro de Blumenau chamado Velha.

No livro de Alberto Entres & Irmão "*Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier Deutscher Einwanderung in Santa Catarina*", de 1929, eu já encontrara menção a Graf como pintor atuante em Blumenau na época.

Museu Arquidiocesano D.Joaquim- Azambuja

Em 1997 entrei de novo em contato com o Museu Arquidiocesano de Brusque. Era um local público que tinha uma obra de Graf, o que era muito importante. Sandra Campi, responsável pelo museu na época, colaborou muito, enviando fotos e descrição dos quadros, dando uma informação muito importante: existiam três quadros de Graf no Museu!

Como sabia que Graf estivera internado no hospital anexo ao museu, tentei pesquisar os arquivos, sempre à procura de data de nascimento (ou morte). Mas parece que os arquivos haviam sido perdidos.

Em 1998, encontrei o artigo de Aloisius C.Lauth sobre o Museu Arquidiocesano D.Joaquim, na Revista Ágora de 1986, época em que fora responsável pelo museu. Pensei ter chegado ao fim da minha pesquisa: agora teria todas as informações longamente procuradas! Mas para meu espanto, não havia nenhuma linha sobre Graf. Comecei a tentar localizar Lauth. Ao encontrá-lo em Blumenau, soube que não havia mencionado Graf pois não havia uma biografia .

De fato, no livro de José Artulino Besen "Azambuja-100 anos", de 1977, aparece uma reprodução da "Santa Ceia", mas, na legenda, Graf é descrito como um doente mental.

Ao se inteirar do assunto, Lauth enviou vasto material atualizado sobre as obras de Graf e o museu, acompanhado de fotos dos quadros.

Divulgação

Tendo já reunido material considerável, organizei uma monografia. Através do acervo e de documentos pessoais, foi possível fazer uma interpretação razoável da vida de Graf, acrescentando os dados da pesquisa. Além dos quadros, com anotações de localização, nome da esposa e da filha, datas, há uma carta de Graf para Lisbeth, há certidões e cartões postais.

Juntei à biografia um completo levantamento das obras, com medidas e reproduções coloridas e enviei a Lauth, ao Museu Arquidiocesano e à Associação de Amigos do Arquivo Público de SC. Mais tarde, enviei também cópias para o Instituto Histórico e Geográfico de SC e para a Fundação Cultural de Blumenau. A idéia era divulgar Graf da melhor forma em Santa Catarina, onde certamente haveria mais obras a descobrir. Deu certo: ao

tomar conhecimento do estilo do pintor, Lauth, que até então só conhecia as obras de caráter religioso de Graf, conseguiu localizar mais quatro obras com os herdeiros de C.Hering e uma na Fundação Cultural, todas em Blumenau.

Esta descoberta foi muito importante, a começar pelas datas dos quadros: de 1919 a 1923. Isto significava que após sair do hospital, Graf retomaria sua carreira artística.

Meu pai contava que Graf havia sido internado no hospital devido à forte depressão que sofreu ao perder as filhas por doença. Os quadros pintados durante a internação são de 1917 e 1918.

Quando se recuperou, Graf passou a pintar possivelmente para a sociedade do Vale do Itajaí. Talvez este foi o único período de sua vida em que teve prestígio, culminando com a medalha da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1924.

Lauth resumiu bem a minha pesquisa em seu artigo na Revista "Blumenau em Cadernos", número 11/12, nov/dez 1999.

Só tenho algumas retificações a fazer:

1- Graf não foi procurar cura para sua doença nas várias cidades de Santa Catarina por onde passou. Só em Brusque, conforme registrado.

2- O nome do pintor não é Heinrich von Graf, mas somente Heinrich Graf, como assina em todos os quadros.

3- Não se sabe em que cidade Graf nasceu ou casou.

4- Não se sabe se as filhas vieram ao Brasil.

5- Não há registro de que Graf tenha estado em São Paulo ou Joinville.

6- Não se pode afirmar que foi identificado o quadro que talvez estivesse em um museu de Munique.

7- A última obra de Graf localizada não é de 1920, e sim de 1923. Aliás, foi o próprio Lauth que a localizou.

Informação final

Como Carlos Levy havia informado que em 1925 Graf morava no Rio de Janeiro, resolvi arriscar, procurando um atestado de óbito, pois sem dúvida o pintor já seria idoso nesta época. Entrei em contato com a Santa Casa de Misericórdia, que arquiva dados de todos os hospitais do Rio de

Janeiro. E lá estava: atestado de óbito de Henrique Graf, profissão pintor, natural da Alemanha, falecido em 1934, aos 75 anos. Finalmente encontrara!

Localizar o atestado foi fundamental para a biografia.

Infelizmente, os dados nele contidos evidenciavam que Graf devia estar pobre e solitário.

Conclusão

O conjunto das obras de Graf é muito variado e bonito, de alto nível artístico. Bem humorado e detalhista.

Na Alemanha, Graf devia ter um bom nível sócio-econômico. Mora-va na "Vila Graf", estudou com professores renomados e manteve uma preceptora para suas filhas. Pintava em estúdio.

Ao vir para o Brasil, passou a pintar também ao ar livre, retratando paisagens, plantas, índios e animais.

Permaneceu fiel ao estilo acadêmico, apesar do movimento modernista que agitava as artes plásticas nesta época.

Obteve sucesso no Vale do Itajaí e recebeu prêmio na exposição de artes mais importante da época. Mas sua arte não provocou repercussão à altura, sendo pouco



Heinrich Graf – autoretrato com filha (1908 – pastel)

mencionado nas publicações especializadas.

Sua biografia merece ser resgatada.

Memórias

Ácido Acetil Salicílico

TEXTO:

SIEGFRIED
CARLOS
WAHLE*

Terminada a Primeira Guerra Mundial (1918), apareceu um surto de gripe que avassalou o mundo, conhecida na época como Espanhola

Era médico chefe do Hospital Santa Izabel, o Dr. Ernesto Sappelt. Tratava-se de um médico muito estimado, não só pelo trato que dava aos seus pacientes, como pelo fato de usar recursos simples, mas essenciais no receituário, em que preferencialmente usava medicamentos naturais. Com o aparecimento da Espanhola, o hospital teve grandes dificuldades, pois não havia leitos suficientes. O Dr. Sappelt teve que achar soluções caseiras. Na realidade o surto de Gripe em Blumenau foi muito violento. Entre os que foram contagiados pela Gripe achava-se Carl Wahle. O Dr. Sappelt não fazia outra coisa do que visitar os doentes, tanto no hospital como em suas casas, desde a madrugada até noite adentro. A receita que o Sr. Wahle recebeu do médico foi um suadouro diário enrolando o corpo com lençóis, e entre estes e o corpo uma camada de coalhada. Algumas famílias reuniram-se e contrataram um carro de mola que diariamente recolhia coalhada nas colônias próximas de Blumenau. Junto com o suadouro tomava duas aspirinas que o Dr. Sappelt distribuía gratuitamente. Os resultados foram muito benéficos e o número de vítimas fatais foi pequeno. Depois de ter salvado praticamente todos os seus pacientes, o Dr. Sappelt, apesar dele mesmo ter contraído a Gripe, continuou a cuidar de seus pacientes. Ele não teve a mesma sorte, pois veio a falecer. No tratamento desta gripe muita gente tomou conhecimento pela primeira vez da aspirina. Em outras cidades do Estado de Santa Catarina faleceram muito mais pessoas do que em Blumenau. Segundo os médicos, a grande mortalidade foi devido à falta de tratamentos médicos como a indisponibilidade de remédios. Com o resultado do uso da aspirina no tratamento da Gripe, passou-se a usar a mesma com mais freqüência. As farmácias funcionavam como verdadeiras clínicas

* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

para a classe pobre, e começaram a utilizar mais a aspirina. Principalmente quando o Sr. João Medeiros abriu a Farmácia Central, onde ele atendia por dia entre 10 a 15 pessoas. Segundo o Sr. Medeiros, em torno de 70% eram tratados com aspirina. Sobretudo quando o Sr. Aloísio Michels, farmacêutico, passou a tratar intoxicações com aspirina e leite, o consumo da mesma aumentou. Quando fui ao Rio de Janeiro, em janeiro de 1935, para estudar, o meu pai pediu-me que conversasse com o Sr. Medeiros sobre o que eu deveria fazer caso precisasse tratamento médico. Recomendou-me, que, primeiramente, tomasse 2 aspirinas e caso não sentisse melhora, então procurasse um médico. Apesar da familiarização e do uso desta droga milagrosa não se conhecia muito a respeito dela.

Desde os tempos de Hipócrates, o grego que introduziu o juramento médico, já se usava, como analgésico, o estrato da casca do salgueiro (árvore que cresce em pastos às margens de riachos, rios ou rios). Este extrato era de difícil assimilação, gosto repugnante e cheiro nojento, mas de um efeito favorável, combatia a dor e a febre. Este medicamento permaneceu no mundo como o remédio mais usado até 1897, quando um jovem químico alemão, Dr. Felix Hoffmann conseguiu identificar o extrato da casca do salgueiro como sendo o ácido acetil salicílico (AAS), e em seguida o produziu sinteticamente. Entretanto, embora conhecida a sua composição, o seu mecanismo de ação só foi descoberto em 1971 por John Vane, cientista inglês, descoberta que lhe mereceu o Prêmio Nobel de Medicina. A partir da descoberta do segredo do ácido acetil salicílico, Vane criou a pesquisa sistemática desta matéria. O ácido acetil salicílico não é somente um remédio para tratamento de dores, febres e reumatismo. Também combate, comprovadamente, a formação de coágulos no sangue, evitando desta forma enfartos e derrames cerebrais. A aspirina vai além (já em estudos adiantados), pode prevenir contra certos tipos de Câncer. Mas, com isto o progresso deste medicamento milagroso ainda não está no fim. Aspirina foi a primeira marca comercial do ácido acetil salicílico, exclusividade que durou até a Segunda Guerra Mundial, quando os aliados a liberaram, e muitas outras marcas apareceram no mercado, tendo por base o ácido acetil salicílico.

A quantidade de comprimidos deste medicamento, até hoje produzidos, colocados lado a lado cobririam uma distância equivalente a da terra à lua..

Referências:

- 1- Anotações de Carl Wahle e outros (1914-1956)
- 2- DeutscheWelle, <http://www.de/deradio/kultur/alltag/aspirin/Welcome.html>

Decreto-Lei N. 68

O Prefeito Municipal de Blumenau, na conformidade do disposto no art. 5, do decreto-lei n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1 - Denominar-se-á Alameda Duque de Caxias a atual alameda Dr. Blumenau; Denominar-se-á João Pessoa a atual rua Wenberg; Almirante Barroso a atual rua Gustavo Salinger; Floriano Peixoto a atual rua Hermann Hering Senior; Benjamin Constant a atual rua Gottlieb Reif; Almirante Tamandaré a atual rua Madeira; Tiradentes a atual rua Bruno Hering; Marcílio Dias a atual rua Augusto Mueller; Pandiá Calógeras a atual rua conhecida por Ginástica; Praça General Osório a praça em construção, de frente ao quartel do 32º. B.C.; Porto Alegre a atual travessa Krohberger; Matto Grosso a atual rua Pastor Hesse; Goiás o atualmente conhecido por beco Francke; Indaial o atualmente conhecido por beco Otto Stutzer; Timbó o atualmente conhecido por beco Rabe; Camboriú o atualmente conhecido por beco Mayer; Gaspar o atualmente conhecido por beco Machado; Itajaí o atualmente conhecido por beco Laux; Rio do Sul o atualmente conhecido por beco Weise; Rodeio o atualmente conhecido por beco Weise de Clemens Weise;

Fragments de Nossa História Local

Laguna o atualmente conhecido por beco Gude;
Tijucas o atualmente conhecido por beco Brueckheimer;
São Joaquim o atualmente conhecido por beco Bernhardt;
Lages a rua recém construída, que dá acesso à Caixa D'Água;
Curitibanos a travessa sem nome, próxima à Fábrica de Gaitas;
Porto União o atualmente denominado beco Willecke;
Orleans o beco sem nome, defronte à Malharia Thiemann;
Mafra o beco sem nome, situado na entrada da venda de Paulo Fischer;

Jaguarina o beco sem nome, confronte à rua conhecida por Jararaca;

Itaiópolis, o atualmente conhecido por beco Passig;
Araranguá o atualmente conhecido por beco Hospital;
Tubarão o atualmente conhecido por beco Michels;
Joinville a rua principal, sem nome, da chamada Vila Nova;
São Francisco, a rua paralela à anteriormente denominada Joinville;
Cruzeiro, a primeira travessa que liga as duas ruas anteriormente denominadas Joinville e São Francisco;

Canoinhas a segunda travessa que liga as duas ruas, anteriormente denominadas Joinville e São Francisco;

Palhoça o beco confronte à Fiação da Cia. Hering;
Chapecó o atualmente conhecido por beco das Cabras;
Jaraguá o atualmente conhecido por beco Berndt;
Imaruí o atualmente conhecido por beco Wehmuth;
São José a rua conhecida como do Cemitério;

Biguassú o beco sem nome, que passa no chamado terreno Metzger;

São Bento a atual rua Peter Wagner.

Art. 2 - Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Blumenau, 18/08/1942.

Dr. Afonso Rabe, Prefeito.

Blumenau rumo aos 150 Anos de Fundação

Lista de Moradores da Colônia Blumenau - 1869 (Parte 3)

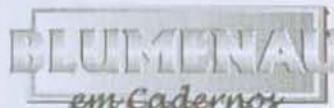
TEXTO:

*HERMANN
BLUMENAU**

Nesta edição publicamos a terceira parte da “Estatística Nominal dos habitantes” da Colônia Blumenau, visando divulgar a nominata das primeiras famílias que se estabeleceram na região e gerar subsídios para pesquisas genealógicas.



Colônia Blumenau - 1869
No centro, em destaque, o Barracão dos Imigrantes



* Documento original registrado sob número PO2.34 – 341, Acervo Blumenau Colônia – Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casa- dos	Viú- vos ou Solt.	Católi- cos
61.	Carlos Ramthun	03	02	04	-	01	-	02	03	-	05
62.	Frederico Hein	01	05	02	-	04	-	02	04	-	06
63.	Guilherme Radünz	05	02	04	-	03	-	02	05	-	07
64.	Godofredo Grützmacher	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
65.	Augusto Hornburg	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
66.	João Gnewuch	02	03	03	-	02	-	02	03	-	05
67.	Guilherme Reinke	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
68.	Frederico Goerl	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
69.	Augusto Spredemann	03	02	03	-	02	-	02	03	-	05
70.	Guilherme Utpadel	03	02	03	-	-	02	02	03	-	05
71.	Frederico Strehlow	03	03	02	04	-	-	02	04	-	06
72.	Frederico Butzke	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
73.	João Kath	01	05	02	-	04	-	02	04	-	06
74.	Guilherme Grützmacher	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
75.	Frederico Greuel	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
76.	Guilherme Hermann	01	02	03	-	-	-	02	01	03	-
77.	Guilherme Horney	01	02	03	-	-	-	02	01	-	03
78.	Hermano Arndt	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
79.	Carlos Maas	03	01	03	01	-	-	02	02	-	04
80.	Frederico Bosse	03	04	02	01	04	-	02	05	-	07
81.	Theophilo Schaldach	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
82.	Godofredo Steinert	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

83.	Luiz Zeplin	02	02	03	-	-	01	02	02	-	04
84.	Augusti Friese	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
85.	Carlos Lindemann	03	04	02	-	05	-	02	05	-	07
86.	João Ehmke	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
87.	Augusto Kiel	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
88.	Frederico Brunkow	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
89.	Daniel Krapp	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
90.	Henrique Hassel	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
91.	Guilherme Riemer	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
92.	Gustavo Lach	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
93.	João Fandrey	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
94.	Frederico Kleemann	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
95.	Frederico Ramthun	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
96.	Carlos Zastrow	03	03	03	-	03	-	02	04	-	06
97.	Jorge Rothen	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
98.	Frederico Achterberg	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
99.	Fernando Hornburg	05	04	02	02	05	-	02	07	-	09
100.	Guilherme Fussmann	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
101.	Frederico Fussmann	03	01	03	-	-	01	02	02	-	04
102.	Carlos Siewert	06	03	04	-	05	-	02	07	-	09
103.	Guilherme Lemke	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
104.	Frederico Schumann	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
105.	Guilherme Holz	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
106.	Hermano Nienow	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
107.	Augusto Nagel	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
108.	Guilherme Winkler	04	01	03	-	02	-	02	03	-	05
109.	Alberto Gaulke	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
110.	Frederico Radtke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
111.	Hermano Ziemer	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
112.	Carlos Hoffmann	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
113.	Anna Stahl	01	02	01	-	02	-	01	02	-	03
114.	Francisco Bruhns	02	03	02	03	-	-	02	03	-	05
115.	João Sass	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
116.	Frederico Grunow	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
TOTAL		283	283	270	88	192	16	221	345	88	478
XI Distrito do ribeirão da Itoupava, margem direita											
01.	Augusto Reif	03	01	02	02	-	-	02	02	-	04
02.	André Krambeck	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
03.	Detler Krambeck	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
04.	Lorenzo Krambeck	04	03	02	05	-	-	02	05	-	07
05.	Carlos Quentin	02	04	02	-	03	01	02	04	-	06
06.	João Bublitz	02	02	02	-	02	-	02	02	-	09
07.	Frederico Manske	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
08.	Guilherme Kuzhals	01	05	02	-	04	-	02	04	-	06
09.	João Maske	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
10.	Guilherme Krietzl	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
11.	Godofredo Baumann	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
12.	João Vellwook	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
13.	Frederico Carl	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
14.	Hermano Carl	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

15.	Guilherme Conradt	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
16.	Fernando Bublitz	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
17.	Guilherme Manke	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
18.	Augusto Fiedler	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
19.	João Dumke	02	02	02	-	02	-	-	04	-	04
20.	Carlos Hackbart	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
21.	Carlos Wruck	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
22.	Luiz Hardt	03	04	02	-	05	-	02	05	-	07
23.	João Goll	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
24.	Luiz Peglow	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
25.	Godofredo Tribes	04	03	02	-	04	01	02	05	-	07
26.	Guilherme Kasulke	04	02	02	01	03	-	02	04	-	06
27.	Theophilo Manke	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
28.	Carlos Noerenberg	02	04	02	-	04	-	02	04	-	06
29.	Guilherme Fritzke	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
30.	Frederico Manke	01	04	02	-	02	01	02	03	-	05
31.	Carlos Kreitlow	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
32.	Guilherme Dahlke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
33.	Guilherme Franz	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
34.	Luiz Krause	02	03	02	-	02	01	02	03	-	05
35.	Carlos Schwanke	03	03	03	-	03	-	02	04	-	06
36.	Alberto Koball	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
37.	Julio Voelz	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
38.	João Pollnow	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
39.	Carlos Manzke	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
40.	João Voigt	02	03	01	04	-	-	-	05	-	05
41.	Luiz Flemming	03	02	05	-	-	-	02	03	-	05

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
42.	Joana Jaenichen viúva	02	02	03	-	01	-	-	04	-	04
43.	Henrique Pasold	06	02	03	-	05	-	02	06	-	08
44.	Theofhilo Kinze	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
45.	Christiano Peschke	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
46.	Marcos Wulff	04	04	02	-	05	01	02	06	-	08
47.	Guilherme Hentphil	02	02	04	-	-	-	02	02	-	04
48.	Carlos Villwock	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
49.	João Jensen	04	03	02	05	-	-	02	05	-	07
50.	Henrique Kay	01	03	02	02	-	-	02	02	-	04
51.	Jens Jensen	02	-	02	-	-	-	02	-	-	02
52.	Pedro Reuter	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
53.	Mauricio Krille	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
54.	Henrique Bosse	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
55.	André Jordan	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
56.	Philippe Oberthür	03	01	02	-	02	-	02	02	04	-
57.	Eduardo Goldacker	03	01	03	-	01	-	02	02	-	04
58.	Richard Markendorf	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
59.	Jayme Oelmann	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
60.	Guilherme Dressel	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
61.	Frederico Eckler	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
62.	Frederico Günther	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
63.	Frederico Feldmann	03	01	01	-	03	-	-	04	-	04
64.	Hermano Schauffert	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
65.	Antonio Wessling	04	04	02	-	05	01	02	06	-	08

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

66.	Guilherme Bornhold	01	03	02	01	01	-	02	02	-	04
67.	Theophilo Rückert	03	04	02	-	05	-	02	05	-	07
68.	Guilherme van dem Beylaardt	02	03	02	-	03	-	02	03	05	-
69.	Carlos Janning	03	02	02	-	03	-	02	03	05	-
70.	Francisco Wulff	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
71.	Guilherme Riese	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
72.	João Baumgart	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
73.	Luiz Noerenberg	02	04	05	01	-	-	02	04	-	06
74.	Frederico Dumke	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
75.	José Selhorsz	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
76.	Carlos Roedes	03	05	02	-	05	01	02	06	08	-
77.	Carlos Sasse	09	04	04	06	03	-	02	11	-	13
78.	Auyz Dahlke	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
79.	Philippe Volles	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
TOTAL		167	170	164	28	135	10	138	199	30	307

XII Distrito do ribeirão da Itoupava, margem esquerda

01.	Geraldo Jünge	03	05	02	06	-	-	02	06	-	08
02.	João Schroeder	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
03.	Luiz Bormann	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
04.	João Pedro Dias	04	04	02	-	06	-	02	06	08	-
05.	Theophilo Heidrich	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
06.	Gustavo Hentschel	04	02	03	-	03	-	02	04	-	06
07.	Augusto Jurk	01	03	04	-	-	-	02	02	-	04
08.	Hermano Jurk	04	02	02	-	04	-	02	04	-	06
09.	Henrique Mortorst	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
10.	Guilherme Hoebbel	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
11.	Frederico Hinkeldey	05	03	03	02	03	-	02	06	-	08
12.	Gustavo Droher	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06
13.	Augusto Moebies	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
14.	João Fischer	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
15.	Carlos Henschel	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
16.	Bernardo Otto	02	02	03	-	01	-	02	02	-	04
17.	Carlos Rutzen	03	04	02	02	03	-	02	05	-	07
18.	Ernesto Feldmann	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
19.	Traugott Losel	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
20.	Roberto Krutzsch	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
21.	Frederico Krutzsch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
22.	Carlos Steinbach	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
23.	Edoardo Liesenberg	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
24.	Guilherme Rückert	02	04	04	01	01	-	02	04	-	06
25.	Jorge Bausch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
26.	Gustavo Henfel	01	-	01	-	-	-	01	-	-	01
27.	Frederico Koch	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
28.	Leonardo Otto	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
29.	Niss Grevesen	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
30.	Carlos Wachholz	02	05	02	-	04	01	02	05	-	07
31.	Frederico Zülow	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
32.	Luiz Zülow	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
33.	Miguel Benner	02	04	02	-	03	01	02	04	-	06

34.	Augusto Ziebell	02	02	04	-	-	-	-	04	-	04
35.	André Roenich	02	05	02	03	02	-	02	05	07	-
36.	Antônio Rodes	04	02	02	01	03	-	02	04	-	06
	TOTAL	77	79	81	16	55	04	69	87	08	148

XIII Distrito da estrada do ribeirão da Itoupava para o rio do Testo

01.	Adão Lermig	03	02	02	03	-	-	02	03	05	-
02.	Jozé Helfrich	03	01	02	01	01	-	02	02	04	-
03.	João Pries	04	03	03	-	03	01	02	05	-	07
04.	Hermano Kath	06	03	03	05	01	-	04	05	-	09
05.	Othão Schmidt	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
06.	Hermano Geyer	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
07.	Henrique Baer	03	03	02	02	02	-	02	04	-	06
08.	Christiano Schmelzer	02	04	02	01	02	01	02	04	-	06
09.	João Petersen	02	04	01	01	04	-	-	01	-	06
10.	Hilario Theissen	03	02	02	-	03	-	02	03	05	-
11.	Guilherme Alsleben	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
12.	João Hass sem.	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
13.	Jozé Wirth	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
14.	João Hass jun.	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
15.	Pedro Bunsen	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
16.	Christiano Besen	01	05	03	01	02	-	02	04	-	06
17.	Leopoldo Weishaupt	01	05	02	-	04	-	02	04	06	-
18.	André Bader	01	05	03	-	03	-	02	04	06	-
19.	Valentino Blasius	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
20.	João Weissensee	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
21.	Alberto Ewald	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos			Estado civil		Religião		
		Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solteiros	Católicos	Evangelícios
	Distrito de povoação Blumenau										
22.	Frederico Holler	01	04	02	-	03	-	02	03	-	05
23.	Jayne Litzemberger	04	06	03	04	02	01	02	08	-	10
24.	Gaspar Jung	05	02	02	03	02	-	02	05	-	07
25.	João Vinandy	01	03	02	-	02	-	02	02	04	-
26.	Philippe Lanser	02	03	02	-	02	01	02	03	05	-
27.	Jorge Borchert	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
28.	Frederico Lasen	04	02	03	-	03	-	02	04	-	06
29.	Carlos Rüdiger	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
30.	Henrique Wolfram	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
	TOTAL	67	82	64	24	57	04	58	91	34	115
XIV Distrito ribeirão do Encano, margem direita											
01.	Carlos Schenkel	04	02	02	04	-	-	02	04	-	06
02.	Henrique Henze	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
03.	Othão Duplug	01	01	02	-	-	02	-	-	-	02
04.	Jonas Notebart	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
05.	Rodolfo Eskelsen	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
06.	João Heckmenn	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
07.	Guilherme Hacklaender	01	01	02	-	-	02	-	-	-	02
08.	Augusto Bratfisch	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
09.	Carlos Gielow	05	02	02	03	01	01	02	05	-	07
10.	Guilherme Michel	01	01	01	-	-	02	-	-	-	02
11.	Guilherme Kühne	02	02	01	01	-	02	02	-	-	04
12.	Pedro Jark	01	01	02	-	-	02	-	-	-	02
13.	Roberto Reinhold	02	02	04	-	-	02	02	-	-	04

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

14.	Antonio Schroeder	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
15.	Guilherme Kohlman	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
16.	Chrisslieb Wagner	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
17.	Theophilo Hacklaender	04	04	02	03	02	01	02	06	-	08
18.	Carlos Preilipper	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
19.	Augusto Koch	02	04	02	01	03	-	02	04	-	06
20.	Augusto Howe	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
21.	Emilio Lewerenz	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
22.	João Loewen	02	02	02	02	-	-	02	02	04	-
23.	Jayme Leber	02	02	02	-	02	-	02	02	04	-
24.	Carlos Risson	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
25.	Fernando Zils	03	03	02	03	01	-	02	04	-	06
26.	João Mohr	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
27.	viúva Kopelke	04	01	02	03	-	-	-	05	-	05
28.	Guilh. Kossetzer	04	03	03	04	-	-	02	05	-	07
29.	Christiano Selbmann	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
30.	Carlos Milbratz	02	02	02	01	01	-	02	02	-	04
31.	João Damaske	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
32.	João Wehrmusten	04	01	02	02	01	-	02	03	-	05
33.	Guilherme Kumerow	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
TOTAL		76	57	67	31	28	07	62	71	08	125

XV Distrito do ribeirão do Encano, margem esquerda

01.	Roberto Eckert	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
02.	Theodoro Braun	04	02	02	03	01	-	02	04	-	06
03.	João Sarodnick	01	04	02	03	-	-	02	03	-	05
04.	Henrique Stein	02	03	03	01	-	01	02	03	05	-

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
05.	Fran. ^{co} Künzer	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
06.	Frederico Nagel	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
07.	João Adam	02	01	03	-	-	-	02	01	-	03
08.	Henrique Nagel	02	-	01	01	-	-	-	02	-	02
09.	Augusto Lauth	03	03	02	02	01	01	02	04	-	06
10.	Frederico Morgenroth	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
11.	Christiano Schneider	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
12.	Guilherme Schwarzbach	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
13.	Traugott Lindner	03	01	02		01	01	02	02	-	04
14.	João Voss	02	04	02	02	01	01	02	04	-	06
15.	Guilherme Kretzschmar	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
16.	Augusto Arnold	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
17.	João Loes	05	02	06	-	01	-	02	05	07	-
18.	Christovão Vogel	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
19.	Carlos Schmidt	02	02	02	-	02	-	02	02	02	04
20.	Francisco Reuter	02	-	01	-	01	-	-	02	02	-
21.	Henrique Reuter	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
22.	Carlos Schimper	02	03	02	02	01	-	02	03	05	-
23.	Paulo Zoz	03	02	02	02	-	01	02	03	05	-
24.	Valentino Vogel	01	01	02	-	-	-	02	-	02	-
25.	Godofredo Bugmann	01	03	02	-	01	01	02	02	04	-
26.	Hieronymus Vogel	01	-	01	-	-	-	-	01	01	-
27.	Frederico Gutz	04	03	02	01	04	-	02	05	-	07
28.	Carlos Resener	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04

29.	Adão Jung	02	04	02	02	02	-	02	04	-	06
30.	Godofredo Geske	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
31.	Frederico Franz	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
	TOTAL	62	60	63	23	29	07	52	70	37	85

XVI Distrito da povoação do Encano

01.	Guilherme Hahn	02	01	01	01	-	01	02	01	-	03
02.	Othão Roeder	02	02	02	-	01	01	02	02	-	04
03.	viúva Siebert	03	04	01	01	05	-	-	07	-	07
04.	Augusto Froehner	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
05.	Rodolpho Robert	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
06.	Augusto Reckenberg	05	02	04	02	01	-	04	03	-	07
07.	Frederico Lang	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
08.	João Doescher	02	02	01	-	03	-	-	04	-	04
09.	Jayme Barth	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
	TOTAL	20	14	16	05	11	02	14	20	-	34

XVI Distrito da povoação do ribeirão Warnow, margem direita

01.	João Kühl	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
02.	João Mueller	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
03.	Alberto Fiedler	01	02	02	-	01	-	02	01	-	03
04.	Adão Priesser	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
05.	Carlos Arndt	04	02	02	-	03	01	02	04	-	06
06.	Frederico Fiedler	02	02	01	01	02	-	02	02	-	04
07.	Carlos Kurth	03	05	04	-	03	01	04	04	-	08
08.	Christiano Waterssstadt	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
09.	Alberto Beoskow	03	03	02	-	04	-	02	04	-	06
10.	Frederico Kotzke	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01

Blumenau rumo aos 150 anos de fundação

Nº	Nome do chefe da família	Sexo		Classe de idade / anos				Estado civil		Religião	
		Distrito de povoação Blumenau	Mas.	Fem.	Acima de 20	10 a 20	01/10	Até 01	Casados	Viúvos ou Solt.	Católicos
11.	Frederico Imm	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04
12.	João Block	02	01	02	01	-	-	02	01	-	03
13.	Luiz Klein	01	04	02	03	-	-	02	03	-	05
14.	João Klemtz	02	01	02	-	-	01	02	01	-	03
15.	Luiz Jennrich	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
16.	Carlos Haut	02	03	02	01	02	-	02	03	-	05
TOTAL		30	30	30	06	21	03	28	32	-	60
XVIII Distrito do ribeirão Warnow, margem esquerda											
01.	Frederico Feusser	03	04	02	03	02	-	02	05	-	07
02.	Florenz Greiner	03	03	02	03	01	-	02	04	-	06
03.	Jayme Krüger	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
04.	Godofredo Nebel	02	01	02	-	01	02	01	-	03	
05.	Julio Piske	02	05	02	02	01	-	02	03	-	05
06.	Carlos Schulze	05	03	03	03	02	-	02	06	-	08
07.	Carlos Witt	03	04	02	03	02	-	02	05	-	07
08.	Fernando Lawien	04	01	04	-	01	-	02	03	-	05
09.	Frederico Voigt	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
10.	João Reimer	03	01	02	-	02	-	02	02	-	04
11.	Christiano Gollnow	02	02	03	01	-	-	02	02	-	04
12.	João Schuhmacher	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
13.	Christiano Schroeder	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
14.	Carlos Baumann	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
15.	Augusto Fischer	02	01	02	-	01	-	02	01	-	03
TOTAL		37	30	34	17	15	01	30	37	-	67

XIX Distrito do ribeirão da Ilse

01.	Adolpho Bankwitz	02	01	01	-	02	-	-	03	-	03
02.	André Hersing	03	02	02	-	02	01	02	03	-	03
03.	Augusto Wurth	04	03	02	02	02	01	02	05	-	07
04.	Augusto Krüger	03	02	02	02	01	-	02	03	-	05
05.	Guilherme Wittfeld	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
06.	Theophilo Naatz	04	01	02	-	03	-	02	03	-	05
07.	Frederico Witt	01	01	02	-	-	-	02	-	-	02
08.	Eduardo Ziebell	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
09.	Fernando Ziebell	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
10.	Reinhardt Krause	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
11.	Henrique Guse	02	03	02	-	03	-	02	03	-	05
TOTAL		24	16	19	04	15	02	16	24	-	40

XX Distrito do rio do Benedito, margem direita

01.	Carlos Krambeck	02	02	02	02	-	-	02	02	-	04
02.	Detler Krambeck	01	-	01	-	-	-	-	01	-	01
03.	Luiz Hostert	03	04	02	-	04	01	02	05	-	07
04.	Christiano Schulze	01	03	04	-	-	-	02	02	-	04
05.	Christiano Voss	05	01	02	02	02	-	02	04	-	06
06.	Frederico Krambeck	01	02	02	-	-	01	02	01	-	03
07.	João Peters	03	02	02	-	03	-	02	03	-	05
08.	Frederico Habeck	02	04	02	-	03	01	02	04	-	06
09.	Guilherme Hafemann	02	03	02	02	01	-	02	03	-	05
10.	Theophilo Lange	05	01	02	02	02	-	02			
11.	Constantino dos Santos	03	05	02	03	02	01	02	06	08	-
12.	Fernando Radloff	02	02	02	-	02	-	02	02	-	04
13.	Frederico Kühl	01	03	02	-	02	-	02	02	-	04

Continua na próxima edição

Biografias

Honorato Tomelin

TEXTO:

GIANNA MARIA
BERNHARDT
BUATIM*



"A História – sopro vital da Pátria – não é simples narração dos fatos sepultados no passado. Mas, a compreensão dos fatores psicológicos responsáveis pela gênese da nacionalidade".

Honorato Tomelin, descendente de família de imigrantes italianos, cuja história remonta ao ano de 1613, na região norte da Itália, nasceu em Jaraguá do Sul, no dia 20.09.1913. Filho de Antônio e Appolonia Moser Tomelin, residente na rua Irineu Franzner no bairro Ana Paula. Foi batizado na capela da comunidade católica situada à rua Marechal Floriano, enquanto a matriz da paróquia de São Sebastião era erguida.

O pai de Honorato nasceu em Rodeio e foi batizado em Blumenau pelo Pe. José Maria Jacobs, 1º vigário da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, onde se encontra um busto em bronze na praça lateral da Igreja Matriz.

Antônio e Appolonia tiveram onze filhos: Augusto, Fidelis, Alberto, Honorato, Tecla, Olívia, Angela, Wille, Bernardo, Justina e Maria.

O irmão Wille era seminarista em Corupá e tinha por hábito banhar-se no rio Humbolt, próximo ao convento. Um dia mergulhou, bateu com a cabeça e ficou preso entre as pedras, vindo a falecer deste acidente em 7 de dezembro de 1948. Cinco dias depois completaria 23 anos e receberia a batina de clérigo.

O sonho da mãe Appolonia era ter um filho padre e, quando se manifestava dirigia-se aos filhos Fidelis e Honorato. Certa ocasião, quando os dois irmãos se encontravam no interior da propriedade realizando tarefas, trocaram idéias e acharam a solução: Fidélis seguiria o caminho desejado pela mãe. O fato foi comunicado à progenitora que encaminhou o filho ao Convento do Sagrado Coração de Jesus

Biografias

em Brusque. Neste convento Fidelis realizou seus primeiros estudos e posteriormente foi removido para Taubaté, interior do Estado de São Paulo, onde concluiu os estudos teológicos e tornou-se sacerdote. Padre Fidelis foi vigário em São Bento do Sul por 30 anos, onde se notabilizou pelas obras realizadas.

As irmãs de Honorato seguiram a vida religiosa. Olivia é irmã da Congregação da Div. Providência, e Maria freira da Congregação das Irmâzinhas da Imaculada Conceição, fundada pela Madre Paulina.

A profissão do pai era marceneiro. A mãe reunia aos domingos os filhos e as crianças da vizinhança onde ministrava os ensinamentos da doutrina cristã.

Certo dia o pai, acompanhado do filho Honorato, durante uma caminhada encontrou parte de um jornal que chamou sua atenção. No jornal havia um anúncio, impresso em destaque, onde a empresa editora do jornal, oferecia uma oferta de trabalho para um aprendiz de tipógrafo. Tratava-se de um jornal tradicional da região, “Correio do Povo”, que circula ainda hoje em Jaraguá.

Alguns dias depois o pai de Honorato procurou, com o filho, a redação do jornal. Honorato fez o teste e logo foi admitido, iniciando a aprendizagem no dia 20 de maio de 1930.

Honorato permaneceu na gráfica por um período de 3 anos. Mudou-se para Joinville, onde prestou serviços no “Jornal de Joinville” e matriculou-se no Curso de Madureza, regido pelo professor João Maria Veras. Como se aproximava a data de prestar serviço militar, freqüentou ao mesmo tempo o Tiro de Guerra nº 226, obtendo a carteira da 2ª. categoria.

Pouco tempo depois o Sr. Artur Müller, diretor do “Correio do Povo”, foi a Joinville e procurou Honorato propondo-lhe a transferência do jornal onde fora funcionário. Ele aceitou a proposta e passou a exercer as atividades na imprensa.

Não possuindo oficinas próprias, Honorato tratou de adquirir um estabelecimento gráfico que estava desativado que pertenceu ao Senador Carlos Gomes de Oliveira, de Joinville. Essa mesma gráfica adquirida do Senador, Honorato trouxe para Blumenau e fundou o jornal “A Nação”, cujo primeiro número circulou dia 29 de maio de 1943. Permaneceu com o jornal até o começo de 1945, quando foi transferido para os Diários Associados.

Ainda em Jaraguá, Honorato exerceu o cargo de Juiz de Paz, e no exercício de suas funções, licenciando-se o exmo. Sr. Juiz de Direito da Comarca, Honorato foi convocado para responder pelo expediente do Forum, exercendo o elevado cargo interino naquela judicatura por 90 dias.

No ano de 1937, Honorato conheceu a srta. Nayme Fádel, de família libanesa, filha de Braulia Müller Fádel e do capitão Antonio Jorge Fádel, co-

Biografias

mercante estabelecido em Porto Belo. Em 28 de fevereiro de 1938 realizou-se o casamento. Desse consórcio nasceram 5 filhos: Maria de Lourdes, casada com Ingo Bernhardt; Elígia, casada com Guenther J. Haertel; Vivalda, casada com Rubens Baumgarten; Honorato Antônio, casado com Marilia Burigo Tomelin e Nelson, casado com Josefina Amabile Santos Tomelin.

Em 16 de outubro de 1958 faleceu a esposa de Honorato. Após quatro anos de viudez, conheceu a srta. Benta Reitz, nascida em São João Batista, no dia 14.04.1944, filha de Estevam Francisco Reitz e Laurinda Sagaz Reitz. Com Benta Reitz contraiu núpcias no dia 17 de março de 1962. Desse consórcio o casal possui os seguintes filhos: Ranieri, solteiro; Marcelo, casado com a dra. Flávia Machado e Giovanna Christina, casada com Mauricí Silveira, de cujo matrimônio nasceu o filho Matheus, que é o orgulho e alegria entre netos e bisnetos que fazem a descendência da família.

Em outubro de 1949 fundou o jornal “LUME”, órgão de imprensa que marcou época na vida pública da cidade.

Em 1954 iniciou suas atividades políticas. Filiou-se ao PRP – Partido de Representação Popular, concorrendo a uma vaga na Assembléia Legislativa, alcançando elevado número de votos, o que lhe deu a condição de 2º suplente da legenda. Com o licenciamento do titular, foi convocado para ocupar o honroso cargo de representação do povo, na bancada do PRP. Nas eleições seguintes, disputou novamente aquelas funções, ficando na primeira suplência, com a diferença de três votos para o mais votado. Neste segundo mandato foi convocado por diversas vezes, tornando-se detentor do diploma de dois mandatos consecutivos. Com o exercício de funções e cargos, Honorato viu enriquecido o seu currículo nos 3 Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Em 1948 concorreu a uma vaga de agente de fiscal de tributos estaduais. Foi nomeado e hoje está aposentado nesse cargo.

Questionado sobre sua carreira política e administrativa a respeito dos acontecimentos mais importantes, o decano das artes gráficas e jornalismo em Blumenau destacou:

— Na posse no dia 25 de agosto de 1958, o governador Jorge Lacerda pretendia promover-me com um cargo de destaque na Fazenda, cuja mensagem enviara à Assembléia. Como no momento eu era o fiel da balança, observei que se tratava de algo para me beneficiar. Prontamente votei contra o projeto e o governo foi derrotado. A oposição tomou conhecimento e sob o comando do Dr. Aderbal Ramos da Silva, que se reuniu com seus próceres, homenagearam-me pelo meu procedimento na Assembléia, com um jantar no Restaurante Braseiro.



— Outro fato importante em minha vida aconteceu quando o Governador Celso Ramos nomeou-me diretor da Imprensa Oficial do Estado, cargo que exercei durante 2 anos. Ao assumir a direção daquele órgão, percebi que as publicações oficiais estavam em atraso. A fim de promover sua atualização, com o devido aval do Chefe do Poder, utilizei démarché, dividindo os trabalhos com outras gráficas existentes no Estado, e a parte mais difícil, realizei na minha gráfica. Em pouco tempo as edições do “Diário Oficial” estavam em dia.

Encerrado o segundo período legislativo, quando obteve o dobro da votação anterior, Honorato resolveu diminuir as atividades políticas para se dedicar à imprensa e à função que exercia no fisco. Paralelamente acompanhava o ingresso dos filhos na vida pública.

Seu filho Honorato Antonio também milita na política e em 1994 concorreu a uma cadeira no Senado da República, obtendo expressiva votação. Nelson, empresário, disputou uma cadeira na Câmara Municipal.

Honorato deseja que seus sucessores abracem esta causa que foi digna e notável, e prossigam disputando cargos eletivos para dar continuidade a defesa do povo e da coisa pública. Atualmente o seu neto Giancarlo, que demonstra vocação para a carreira, prepara-se para disputar cargo eletivo no futuro. Também gostaria de ver seu bisneto Ivan, entre outros, disputando a prefeitura de Blumenau no ano de 2018.

O patriarca da família não descansa. Continua ativo mesmo estando aposentado, discorrendo com amigos sobre política e administração. Surpreende a todos com sua memória em relatar os fatos que marcaram sua trajetória participando com seus ideais, visando uma sociedade justa e fraterna.

História & Historiografia

O Currículo da escola Alemã de Rio da Luz Victória

TEXTO:

**ROSANE
WELK***

Este texto, ao brotar do primeiro capítulo de minha tese de doutoramento que se encarrega de recompor o processo de criação e evolução da Escola Alemã de Rio da Luz Victória,¹ quer conceber o currículo como um artefato social e cultural, inserido numa moldura ampla de determinações sociais, de história e produção contextual. Quer reconhecer que o currículo está muito mais implicado em revelar relações de poder, transmitindo visões sociais particulares e interessadas, do que um elemento inocente, atemporal, transcendentel e neutro, de transmissão do conhecimento social. Quer ainda afirmar que o currículo é constituído de uma história, com vínculo direto a formas específicas de organização da sociedade e da educação,² e assim, compreender o que significou a escola para uma comunidade tão isolada geograficamente como foi a "Escola Alemã" de Rio da Luz Victória.

Ao analisar o currículo das escolas alemãs em Santa Catarina, precisamente o currículo da escola em questão, percebemos que o seu conteúdo objetivava ampliar as capacidades humanas de seus alunos, na intenção de habilitá-los a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovessem o fortalecimento do poder social.³

* Doutoranda em História pela Universidade de León - Espanha. (Orientador: Dr. Manuel Redero Sán Roman. No Brasil, conta com a especial colaboração do Prof. Dr. Paolo Nosella). Professora do Curso de Pedagogia da Fundação Educacional Regional Jaraguaense - FERJ.

¹ A Escola Alemã de Rio da Luz Victória, fechada em 1938, foi erguida na comunidade de Rio da Luz Vitória - Jaraguá do Sul. A documentação consultada atesta várias denominações para a escola alemã, como: Escola Alemã ("Deutsche Schule") de Rio da Luz III, Ribeirão Grande, Ribeirão Grande da Luz Victória e mais comumente de "Rio da Luz Victória".

² MOREIRA, Antonio F. & SILVA, Tomaz T. (orgs), *Currículo, cultura e sociedade*, p. 7.

³ GIROUX, H. & SIMON, R., Cultura popular e pedagogia crítica... In MOREIRA, Antonio & SILVA, T., op. cit. p. 95.

A planificação curricular das escolas teuto-brasileiras nas primeiras décadas do século XIX era caracterizada pela improvisação, simplicidade e informalidade. Os conteúdos eram definidos pelos próprios colonos e não passava do aprendizado da escrita, do manejo da aritmética e do cálculo, indispensável para a solução de problemas práticos e diários.

Com a ampliação da rede escolar, que culminou na fundação da Sociedade das Escolas Alemãs para Santa Catarina (Deutscher Schulverein für Santa Catarina) e a exigência de professores cada vez mais preparados, partiu-se para a definição mais concreta das disciplinas que deveriam figurar no currículo.

O currículo proposto em 1900 nada mais significou do que a formalização daquilo que se imaginava como o mínimo indispensável para a educação dos filhos dos colonos. No decorrer das décadas de experiência anterior chegou-se à conclusão que o período escolar não podia ficar aquém de quatro anos. Sem esse período mínimo à consecução do ideal da educação seria impraticável. Universalizou-se então o critério de quatro anos, para duração do período escolar para todas as escolas. Com esse ponto de partida, elaborou-se e implantou-se um currículo com uma relativa unidade de conteúdos e de procedimentos didáticos.⁴

Entre os anos de 1904, data do início das atividades da Escola Alemã de Rio da Luz Victória, e 1915, o currículo era composto das seguintes disciplinas: alemão⁵, português⁶, história, geografia, aritmética, ciências, desenho, redação, ginástica, religião e canto, ministradas em língua alemã. A afirmação está baseada na grade curricular que consta no formulário de pedido de subvenção via consulado alemão para as escolas alemãs em Santa Catarina.

O ensino da língua alemã compreendia conteúdos como leitura, memorização, composição, ortografia, caligrafia, que figuravam como essenciais na escolarização. O objetivo do ensino da língua consistia na perfeita compreensão e em seu manejo correto. Para isso, memorização, ortografia e caligrafia eram auxiliares diretos para a assimilação da língua alemã.

⁴ - RAMBO, *A escola comunitária ...*, p. 128.

⁵ - SILVA F. (1972 : 317) enfatiza que apesar de se ministrar na época aulas de gramática portuguesa, o ensino das regras e as explicações eram feitas em língua alemã.

⁶ - Um artigo do Pastor Flos, da coletânea de artigos diversos referentes à imigração e colonização alemã em Santa Catarina, que circulou entre os anos de 1904 e 1913 na extinta Colônia Hansa Hammonia (atual município de Ibirama) veiculado por *Blumenau em Cadernos*, tomo XXXIX, n.01, jan 1998, dizia: "Eles não sabem dos esforços emocionantes destas escolas do interior em ensinar também o português. Pensar-se-ia que há muito os Governos Estaduais teriam cuidado em fornecer excelentes meios de instrução, adaptados para o ensino da língua natal em escolas rurais, a saber: quadros instrutivos, cartilhas e livros de leitura, que aos professores fosse possibilitado um curso de extensão em português" (p. 33).

Quanto à caligrafia, o que se pretendia era "exercitar nos alunos uma escrita vigorosa, fluente e agradável"⁷. Este caderno possuía quatro linhas (linhas duplas) e atentava-se que os alunos as ocupassem inteiramente, isto é, encostassem nas linhas inferiores e superiores. Além dessa exigência, uma postura correta do corpo e o lápis na posição certa.

A grade curricular era composta por um total de cinco a dez aulas de língua alemã por semana. Esse número oscilou durante os anos de 1908 a 1915. Enquanto que em 1908 o primeiro nível possuía dez aulas semanais, em 1914 neste nível havia somente quatro. A diferença estaria na formação do professor? Em 1908, o professor era autodidata, enquanto que em 1914, um professor de apenas 21 anos ministrava as aulas e tinha formação específica para a função.⁸

A turma de alunos era dividida ora em quatro níveis, ora em cinco níveis, que corresponderiam nos dias atuais às cinco primeiras séries do primeiro grau. No primeiro nível havia somente quatro disciplinas: alemão, aritmética, redação e canto. No segundo, eram acrescidas ciências e religião e nos demais níveis havia todas as disciplinas, com exceção do terceiro que não possuía desenho e ginástica e do quarto nível que só não tinha a disciplina de desenho.

As classes eram mistas⁹: meninos e meninas, todos evangélicos e como constava nos tais formulários, eram brasileiros.

A forma de determinar o nível de cada criança obedecia a uma outra lógica se comparado aos dias atuais. Os alunos sentavam em bancos compridos¹⁰ de madeira que mediam de 3 a 4m. Os que sabiam muito e principalmente as lições que eram encaminhadas, tinham o privilégio de ocupar não só as primeiras carteiras, como também podiam disputar a vaga do início da primeira carteira¹¹ (aquela que ficava mais próxima da mesa do professor). Não havia muita importância a idade da criança. O indicador de que o aluno estava preparado para mudar de posição era o domínio do conteúdo, não importando quanto tempo, ou quantos anos le-

⁷ - RAMBO, Arthur B. *A escola comunitária ...*, p. 137. Em entrevista com a senhora Gertrudes Kath, ouvimos da mesma, que o que ela mais gostava e mal podia esperar era a hora da caligrafia no chamado "Schön-Schreib-Heft". Entrevista em poder da autora.

⁸ - A afirmação se comprova através dos formulários de pedido de subvenção para a Alemanha, que retratam grande parte dos trabalhos realizados na escola entre 1909 e 1915.

⁹ - A respeito de classes mistas, lemos em Klug, (1994, p.116) que na primeira década do século XX é raro encontrarmos escolas com classes de meninos e meninas e principalmente se intercalados nos bancos escolares como acontecia no ano de 1907 na escola alemã de Florianópolis.

¹⁰ - Algumas escolas rurais do interior do município de Jaraguá do Sul conservaram esses bancos até a década de sessenta, à semelhança das igrejas, que os conservam até os nossos dias. (A pesquisadora chegou a usufruí-los em seu primeiro ano de escola).

¹¹ - O testemunho vem do depoimento da Sra. Gertrudes Kath, entrevistada em 2 de julho de 1998 e do depoimento de Erich Lemke, entrevistado em 3 de julho de 1998. Ambos em poder da autora.

vasse para subir de posição. Vale ressaltar que até o início da década de vinte a criança iniciava na escola somente a partir dos oito anos. Com o advento de novas leis do governo, os pais se viram obrigados a colocá-las aos sete anos.¹²

Para os luteranos a escola sempre se impôs como uma escola de comunidade (*Schulgemeinde*) e sempre se apresentou com uma dupla missão: a alfabetização aliada à formação religiosa. Postulava-se não uma alfabetização imediatista e somente de teor prático para as crianças, mas a moldagem de uma sólida estrutura de personalidade, com base em princípios éticos, morais e religiosos, capazes de suportarem a ameaça da desintegração cultural¹³.

A escola tinha como incumbência preservar o nível moral e religioso do cidadão. Por isso, o estudo histórico evolutivo da escola teuto-brasileira faz referência à sua natureza como instituição de educação integral¹⁴. Sua função não se restringia a informar sobre os conteúdos escolares diversos; tinha a tarefa de formar o cidadão para o convívio na comunidade.

O maior objetivo dos pais em relação à escola, era que ela fosse eficiente e correspondesse aos objetivos que justificassem a sua existência, visto que na maioria das vezes era sacrifício para os pais manter o professor e toda a estrutura da associação. Os professores, por sua vez, também objetivavam a própria eficiência em seu magistério, porque disso dependia sua permanência ou não nas comunidades. Para isso, a memorização era um aspecto metodológico do aprendizado muito exigido e se justificava porque conseguia disciplinar a mente da criança. "*A memorização não significava apenas decoreba*, (grifo do autor) *auxiliava o treinamento da atenção, a fixação dos conteúdos e a apreensão do raciocínio lógico, expresso num texto em prosa e verso*".¹⁵ Além disso, a memorização era útil na fixação de conteúdos estritamente linguísticos e posta a serviço de todas as outras disciplinas¹⁶ do currículo¹⁷.

¹² - Na Assembleia do dia 15 de janeiro de 1922 a diretoria colocou aos pais a exigência da lei que determina que a criança freqüente a escola dos sete aos catorze anos. Essa notícia não foi bem aceita. Supõe-se ser por causa das mensalidades.

¹³ - Cf. RAMBO, *A escola comunitária ...*, p. 16.

¹⁴ - RAMBO, *A escola comunitária ...*, p. 87.

¹⁵ - RAMBO, *A escola comunitária ...*, p. 149.

¹⁶ - Na entrevista com o Sr Erich Lemke, ele relatou - nos que em seu tempo de aluno da Escola Alemã de Rio da Luz Victória (1922...) havia um mapa na sala. O professor ensinava a localização dos vários países da Europa. No dia seguinte, ele os avisava que faria questionamentos, como por exemplo: - *Vá até o mapa e mostre-me onde fica a Inglaterra* E assim sucessivamente... Se o aluno, distraído no dia da explicação, não soubesse a resposta no dia seguinte, levava uma lambada de vara do professor. Para a época, nada mais natural. Hoje, além deste conteúdo não figurar no currículo das séries iniciais, esquecemos-nos que o aluno precisa ter uma visão global da terra, como planeta. Outrossim, sentimo-nos impotentes diante do descaso com que é tratada a escola pública, sensivelmente pobre de conteúdo. Quem duvidar, basta entrar numa sala de aula para confirmar.

¹⁷ - RAMBO, op. cit., p. 149.

Os materiais usados pela Escola Alemã de Rio da Luz Victória entre 1904 e 1936 não eram abundantes, além de muito caros e de difícil aquisição, visto as precárias condições de transporte. Entretanto, recebia a correspondência para as escolas alemãs de Santa Catarina. Estes comunicados informavam sobre livros de possível aquisição, como também o local onde eram vendidos. Se comparadas as escolas particulares das colônias às escolas públicas catarinenses, constata-se que estas últimas foram consideradas pobres e simples em relação às outras.

Numa correspondência que data de 1914, o proprietário do “Urwaldsbote” informa que recebeu da “Liga Pan-germânica” um número restrito de livros sobre a história da Alemanha de autoria de “Einhart”, mas que estavam à disposição das escolas para aquisição. Percebe-se que nesta época era muito forte o sentimento de preservação das raízes que ligavam os descendentes ao país de seus pais e avós. “Os valores culturais básicos transmitidos pelas escolas estrangeiras, (...) eram (...) os vigentes no país de origem do imigrante”¹⁸. Apesar da tentativa de preservação da identidade germânica após a segunda geração de descendentes, é notório que a pressão da nacionalização da população das colônias é sentida, quando não cobrada.

Apesar do grande esforço em dominar e, ao mesmo tempo em ensinar a língua portuguesa, era necessário em muitos momentos dar explicações em alemão, porque os alunos só entendiam alemão¹⁹. Naquele tempo (entre 1900 e 1920), os próprios professores tinham dificuldade no domínio da língua portuguesa, pois a maioria tinha recebido a formação em escolas de língua alemã, muito anteriormente ao intento do governo em nacionalizar o ensino nas colônias de descendência alemã.

Em 1915 a escola recebeu uma circular do diretor e secretário da Sociedade Escolar para Santa Catarina que anuncia o lançamento de um livro de leitura em língua portuguesa, à venda para as escolas da colônia (Kolonieschulen). São essas comunicações que faziam com que a escola se atualizasse quanto aos lançamentos, enquanto que a aquisição era decidida nas assembleias dos associados à escola. Em 1921, após discussão coletiva, uma ata confirma que a comunidade de Rio da Luz Victória decidiu pela compra de livros infantis e a adquirir nove livros intitulados “Nossa Pátria”, com recursos próprios²⁰. Entretanto, a escola já se utilizava de cartilhas em 1918, editadas no Rio de Janeiro e São Paulo por “WEIZFLOG

¹⁸ - FIORI, N. *Aspectos da evolução do ensino público...* p. 101.

¹⁹ - SCHNEIDER, *Memórias (IV): do meu tempo de “Deutsche Schule”*, p.21. Em entrevista com o Sr. Erich Lemke (04/07/1998), ouvimos em seu relato que as crianças somente dominavam a língua alemã, visto que em casa não se falava outro idioma.

²⁰ - O livro “Nossa Pátria” provavelmente foi marcante na vida das crianças da época, pois seu uso foi muito frisado pela Sra. Gertrudes Kath. Quando lhe perguntei o que tinha ficado para ela de sua época de escola ela disse-me que este livro era o que eles mais tinham de estudar. Entrevistada em 3 de julho de 1998, acervo da autora.

IRMAOS". É necessário frisar que é a partir de 1920 que visivelmente se inicia o estudo da história do Brasil, intensificado pela aquisição do livro "Nossa Pátria".

Outro recurso metodológico da época, muito difundido para o ensino da ortografia da língua portuguesa, eram os ditados. Eles reproduziam exatamente os acontecimentos históricos com caráter de formação cívica evidente, como reflexo dos textos veiculados nos livros didáticos da época. Vejamos um exemplo:

Dictado

D. Pedro II começou a governar ainda muito jovem: não tinha mais que uns quinze annos. Mas desde essa idade, mostrou o bom senso o maior amor da patria e o sentimento de justiça que fizeram delle um dos melhores monarcas do seu tempo. Eram alem disso muito carativo, justo, a sua custa muitos orphão e viúvas. Adolfo Ramthum.

Entre o material didático em uso na escola, encontramos uma cartilha que registra um alerta ao professor alfabetizador. Lê-se a seguinte recomendação no prefácio da cartilha: "*O Methodo „João de Deus“ supprime a solettração, acostumando o alumno, desde a primeira lição, a ler „como se fala.“ O professor não deve admitir que a criança diga, p. ex., ve-á-vá, efe-á-fá; mas, explicando-lhe o valor das consoantes, mostrar-lhe-á como se ligam ás vogais*". Em seguida, ainda no prefácio, está colocado que a criança de tenra idade esquece com facilidade o que com facilidade aprendeu, por isso recomendam que sejam dadas poucas letras de cada vez: "... constata-se que a inclusão do vernáculo no currículo não signifiou apenas uma formalidade para atrair a simpatia das autoridades educacionais. Não figurava apenas por forma. A prova se encontra no fato de que já existia uma cartilha para o aprendizado do português ..." ²¹

A criança estava o tempo todo cercada de pessoas que falavam o alemão. Constata-se que ela não tinha com quem praticar a pronúncia da língua portuguesa e por isso esse idioma é estrangeiro:

É evidente que nas circunstâncias do tempo e de acordo com as características e carências locais, o êxito do ensino da língua permanecia muito aquém do ideal proposto. Na maioria das comunidades, além do professor (...) não havia ninguém que soubesse o mínimo desejável de português. Apesar da boa vontade dos adultos e das crianças, o clima reinante em nada favorecia o aprendizado da língua do país. A língua do ensino e da comunicação quotidiana era, exclusivamente, o alemão. O português em raras oportunidades transpunha os limites restritos das quatro paredes da escola. Compreende-se assim que os resultados devem ter sido parcos. Concluir, porém, desta realidade uma falta de interesse ou mesmo de resistência consciente ao português e tudo o que representava, significa desconhe-

²¹ - RAMBO, ^a *A escola comunitária ...* p. 155.

cimento total da índole prática do imigrante. Representa também uma flagrante injustiça.²²

Cada comunidade possibilitava o nascimento de sua escola. Rio da Luz Vitória não foi uma exceção. Seus primeiros moradores viam-na como uma das necessidades básicas, mesmo antes da igreja. No intuito de preservar o acervo cultural dos avós e bisavós, que aportaram entre 1850 e 1900 em terras catarinenses à procura de melhores condições de vida e trabalho, a escola foi mantida basicamente com recursos próprios, até obter ajuda oficial do governo alemão. Graças a esta iniciativa, hoje se inscreve definitivamente a sua história na história da educação de Santa Catarina e do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLUMENAU em Cadernos. *Fundação Cultural de Blumenau*, Blumenau, SC, XXXIX, n. 1, jan. 1998.
- DEUTSCHEN SCHULE IN RIBEIRÃO DA LUZ VICTÓRIA, Jaraguá do Sul. *Generalversammlung, 1910 -1927*. Livro 1, p. 5 - 73.
- FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público : ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. 2. ed. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1991.
- KATH, Gertrudes. *Entrevista*. Jaraguá do Sul, 3 jul. 1998.
- LEMKE, Erich. *Entrevista*. Jaraguá do Sul, 4 jul. 1998.
- KLUG, João. *Imigração e luteranismo em Santa Catarina : a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis*. Florianópolis : Papa Livro, 1994.
- MOREIRA, Antônio F. B. , SILVA, T. T. da (org.). *Curriculum, cultura e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- RAMBO, Arthur Blásio. *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.
- SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. *Memórias (IV) : do meu tempo de “Deutsche Schule”*. Joinville : Ipiranga, [s.d.].
- SILVA, J. Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Ederme, 1972.

²² - RAMBO, "A escola comunitária ... p. 155.

- **“Uma Noite em Curitiba”**
- **Página Literária**

TEXTO:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***



“Uma Noite em Curitiba”

Catarinense nascido em Lages no ano de 1952, mas radicado em Curitiba há mais de trinta anos, Cristóvão Tezza (pronuncia-se Têzza) vem obtendo invulgar sucesso na moderna literatura de ficção. Dentre suas obras, o romance “Uma Noite em Curitiba”, já em segunda edição (Editora Rocco – Rio – 1999) parece o que tem merecido os maiores aplausos da crítica e do público.

Trata-se da história de um historiador e professor bem colocado, trabalhador e respeitado, que se apaixona pela célebre atriz, pela qual tudo abandona, até ser por ela abandonado e só encontrar saída no suicídio. A paixão do professor, registrada nas cartas nunca remetidas, acaba revelando que o amor pela atriz era antigo, desde os tempos em que ambos se envolveram na agitação política, época em que ele assassinara um repórter, tendo fugido com a ajuda dela. Os passos do professor são seguidos de perto pelo filho, que fica sabendo de tudo, e que funciona como narrador daqueles momentos que não estão nas cartas confessionais do próprio professor. Embora se trate de uma história simples, cujo desfecho o leitor intui, o autor conduz a trama com segurança e mantém o suspense até o fim.

O recurso das cartas para dividir o relato com o narrador não é novo, mas, no caso, funciona muito bem e atingiu os objetivos desejados pelo romancista. Entre os autores que lançaram mão das cartas com idêntico propósito, recordo Érico Veríssimo, em “O Tempo e o Vento”, através do médico alemão Dr. Karl Winter, historiando em longas

* Escritor e Advogado.

missivas tudo que o narrador não desejava fazer. Quanto à trama, o romance traz uma vaga lembrança de “Tóia”, de Vianna Moog, em que a paixão de um diplomata por uma mexicana acaba por levá-lo ao enfarte e à morte. A diferença é que, no romance de Tezza, o personagem estava disposto a mudar de vida e, para isso, a correr todos os riscos. Seria uma busca frenética da felicidade, ainda que tardia.

Cristóvão Tezza tem um estilo muito pessoal e livre. Escrevendo à mão, com grande paciência e autocontrole, sabe como poucos exercitar a arte e a técnica do romance.

Página Literária

Com a intenção de publicar um livro de ensaios, comecei a rebuscar meus arquivos, se merecem esse nome inúmeras pastas atulhadas de recortes. Foi então que deparei com a coleção da “Página Literária”, que coordenei por 18 anos para jornais do norte do Estado. Ela começou em 1º de julho de 1972, como coluna do jornal “Correio do Norte”, de Canoinhas, passando depois, já ampliada, para “A Gazeta”, da mesma cidade, e por fim para a “Tribuna da Fronteira”, de Mafra, onde permaneceu a maior parte do tempo, ocupando uma página inteira, todas as semanas. O jornal pertencia ao Prof. Antônio Dias, homem interessado pelas coisas das letras e da cultura, mas mudou de mãos em 1990, o que provocou a imediata suspensão da “Página”. Como nesse período eu mudei várias vezes de cidade e nunca morei em Mafra, a “Página” foi sempre coordenada à distância. Durante alguns anos ela aparecia na “Tribuna” (Mafra), na “Gazeta” (Canoinhas) e no “Informação” (São Bento do Sul), todos pertencentes à mesma rede.

Embora publicada no interior, a “Página” fez sucesso e se tornou o refúgio dos escritores e poetas do Estado numa fase em que o espaço para as letras rareava na imprensa. Publiquei todos os catarinenses que ainda estão em atividade, com raras exceções, e muitos que deixaram de produzir ou “estudam a geologia do campo santo” porque “passaram para o outro lado do mistério”, como diria mestre Machado de Assis. Publiquei autores de quase todos os Estados brasileiros, exceto daqueles onde vida literária não existia, de perto e de longe, iniciantes e tarimbados, muitos dos quais se tornaram assíduos. Publiquei até gente do Exterior, como Teresinha Pereira

(EUA), hoje presidente de um clube internacional de escritores e artistas, A. Vicente Campinas (Portugal), João da Silva, o Silvio, e Magda Flor, ambos de Funchal, apenas para recordar os mais freqüentes.

Cientistas, romancistas, poetas, ensaístas, críticos, cronistas e juristas, todos ocuparam generosos espaços na “Página”, quaisquer que fossem suas escolas ou tendências, numa democracia literária cujo chefe, o benemérito Prof. Dias, era dotado de ilimitada tolerância. Só reclamava numa circunstância: quando a matéria enviada era pouca, uma vez que desejava aproveitar bem os espaços. Trabalhos ali publicados foram transcritos em outros jornais e revistas, ganharam as páginas de livros e opúsculos, apareceram nas “orelhas” e capas de outros tantos, passaram a integrar a bibliografia e os currículos de inúmeros autores. Com freqüência, autores com quem encontro lembram que foram colaboradores.

Creio que a “Página” foi o mais duradouro e o maior espaço já concedido às letras em nosso Estado, sem que nela entrassem outros assuntos, com a circunstância rara de ter sido coordenada sempre pela mesma pessoa – eu! Ela, na sua humildade interiorana, colocou a cidade de Mafra no circuito literário nacional e contribuiu, com certeza, para torná-la conhecida. Foi um trabalho que realizei com prazer e entusiasmo, embora exigisse tempo e dedicação, e que hoje integra para sempre a história da literatura catarinense com maior mérito que movimentos e grupos que mal chegaram a existir, como o chamado “Grupo Litoral”, por exemplo.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2000 (Tomo 41). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:



.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



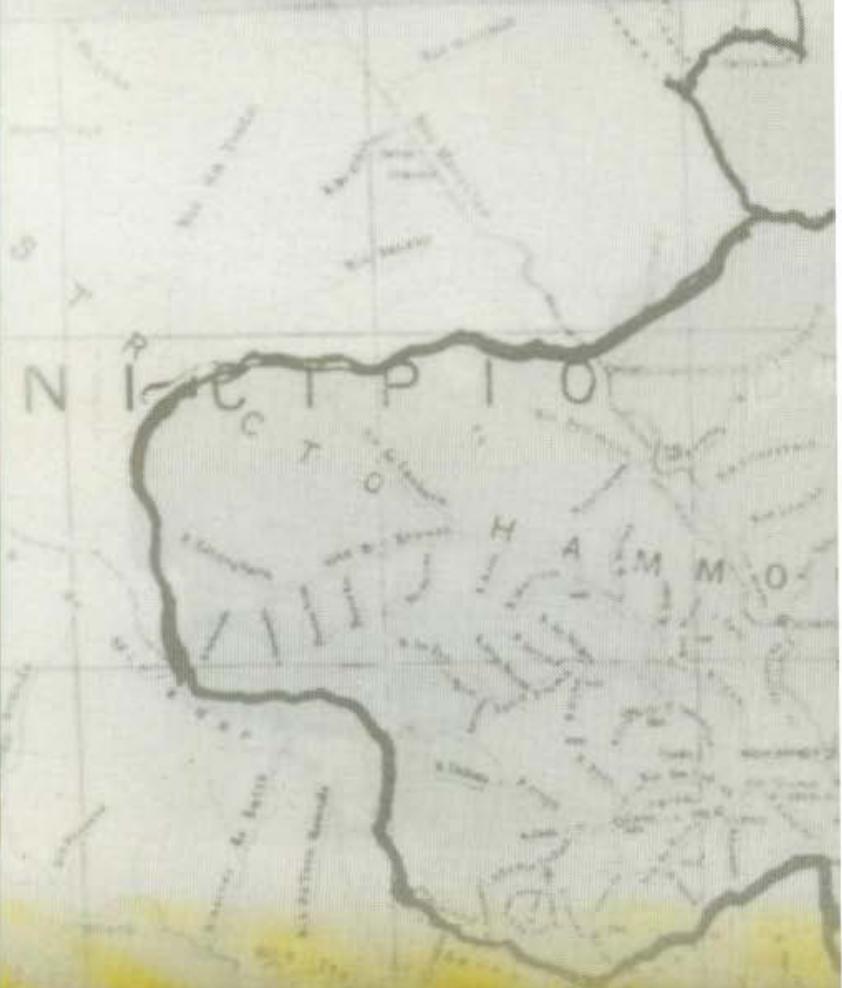
B

lumenau, até o ano de 1930, contava com uma área territorial de 10.610 km², distribuídos entre 11 distritos. O Governo Estadual, sob a alegação de serem os distritos dotados de população, território e desenvolvimento econômico, através de decretos, iniciou o desmembramento do grande Município.

Um clima tenso se criou, o povo de Blumenau insurgiu-se contra o retalhamento e foi às ruas protestar sob a forma de passeata, munido de cartazes e faixas, demonstrando todo o seu descontentamento.

Os discursos inflamados e o engajamento da população aumentaram a animosidade e resultaram na prisão de alguns mais exaltados. Esta manifestação ocorreu em 1934 e ficou registrada na história regional como **"Movimento por Blumenau Unido"**.

Desmembramento De Blumenau



A M GRANDE
ENAU U M E N A U V I V A
o nosso
O!! SÓ!! BRASIL

